

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

Cinara Tavares da Silva Pires

**Processos de cura no Santo Daime: um estudo antropológico na Igreja Chave de São
Pedro, Porto Alegre, RS**

Porto Alegre
2023

Cinara Tavares da Silva Pires

Processos de cura no Santo Daime: um estudo antropológico na Igreja Chave de São Pedro, Porto Alegre, RS

Trabalho de conclusão de curso apresentado à comissão de graduação do curso de Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Emerson Alessandro Giumbelli.

Porto Alegre

2023

Peço Força

Peço força, lá vem força
Deus do céu foi quem mandou
Jesus Cristo está comigo
Ele é meu protetor

Jesus Cristo está na terra
Ele é bom curador
Ele cura quem lhe procura
Pois Ele é o triunfador

Ele cura quem lhe procura
Conforme o seu merecer
Que nem todos estão nas graças
Para as curas receber

(Hino 47 - O Justiceiro - Pad. Sebastião)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela oportunidade de experienciar esta vida terrena cheia de desafios e alegrias!

Agradeço a minha família, em especial a minha mãe por todas as batalhas que agarrou na vida, pela educação e pelos valores que me ensinou.

Agradeço ao meu pequeno Ângelo que me alegra todos os dias com o seu brilho solar, que me mostra todos os lados que possuo e me ensina a ser mãe e uma pessoa cada dia melhor.

Agradeço ao Emerson que me orientou com muita paciência e acreditou neste trabalho desde o início. Obrigada prof. por me amparar até quando pensei em desistir.

Agradeço aos entrevistados por confiarem a mim suas experiências de vida. Obrigada pelas trocas divinas que tivemos juntos.

Agradeço ao CHAVE por me abrir as portas desta casa e me proporcionar clareza necessária a cada momento que vivi e ainda vivo.

Agradeço também a todos os seres divinos, guardiões da floresta e desta doutrina que tanto estimo por me ampararem espiritualmente sempre me mostrando o melhor caminho para seguir com firmeza e com amor!

Por fim, agradeço a todos envolvidos que me ajudaram na concretização deste trabalho, pois com certeza nada seria se não fosse a contribuição de cada um de vocês.

RESUMO

O Santo Daime, tradição religiosa surgida no séc. XX a partir do uso da bebida sacramental indígena ayahuasca, fomenta conhecimentos cada vez mais amplos sobre seus rituais e elementos. Para tanto, pesquisa-se neste trabalho o funcionamento dos processos de cura, as representações, os significados, as práticas e as concepções sobre as doenças a partir do olhar de seus adeptos. Para elucidar a temática, apresenta-se brevemente o contexto histórico das religiões ayahuasqueiras brasileiras, com ênfase na história e cultura do Santo Daime. Para compreender o universo das curas e os seus processos, foram realizadas oito entrevistas com membros da Igreja CHAVE de São Pedro, em Porto Alegre, através da metodologia da História de Vida. Com isso, buscou-se analisar, a partir dos depoimentos dos adeptos, as dinâmicas das doenças e os processos de cura. Por meio de uma escuta sensível, foi possível observar que os entrevistados consideram a cura um fenômeno espiritual, pois percebem as doenças como um resultado do conflito de emoções. Para seus adeptos, o contato com o Daime pode desencadear um processo de autoconhecimento, e possivelmente promover o equilíbrio na saúde do corpo e da mente.

PALAVRAS-CHAVE: Ayahuasca; Santo Daime; Doenças; Cura; Autoconhecimento.

ABSTRACT

Santo Daime, a religious tradition born in the 20th century focused on the indigenous ayahuasca, fosters an increasingly wider knowledge about its rituals and elements. This research approaches the development of healing processes, as well as the representations, meanings, practices, and concepts about diseases through the lens of adepts. First, the historical context of Brazilian ayahuasca religions is briefly presented, with an emphasis on the history and culture of Santo Daime. In order to understand the healing universe and its processes, eight interviews were conducted with members of CHAVE de São Pedro church, in Porto Alegre, through the Life History method. The aim is to analyze, based on the statements of the adepts, the dynamics of diseases and the healing processes. By means of sensitive listening, it was possible to perceive that the interviewees consider healing to be a spiritual phenomenon, for they perceive illnesses as a result of a conflict of emotions. According to its followers, contact with Daime can unchain a self-knowledge process, and may promote balance to the health of the body and the mind.

Keywords: Santo Daime; Ayahuasca; healing; self-transformation; diseases.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Limpeza das folhas da Rainha	15
Figura 2 - Jagube	17
Figura 3 - Planta baixa do salão da igreja Chave de São Pedro	29
Figura 4 - Casa do despacho.....	30
Figura 5 - Trabalho de Concentração	32

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 A AYAHUASCA.....	15
1.1 O ciclo da borracha	17
1.2 As religiões Ayahuasqueiras brasileiras.....	19
1.2.1 A Barquinha.....	19
1.2.2 União do Vegetal.....	20
1.2.3 Santo Daime	21
1.2.3.1 Um pouco sobre a doutrina e seus rituais.....	22
1.2.3.2 Plantas - mestras	25
1.3 A Igreja CHAVE de São Pedro.....	26
1.3.1 Grupos de trabalho e projetos	27
1.3.2 O “salão dourado”.....	29
1.3.3 Os rituais de cura no Chave.....	31
2 CONCEPÇÕES SOBRE AS DOENÇAS.....	33
2.1 Como eu conheci o Chave... ..	34
2.2 Porque eu fui para o Chave? O que me motivou?.....	37
2.3 “E quando eu estou doente...”	39
3 CONCEPÇÕES DE CURA	44
3.1 “E aí a minha vida mudou...”.....	44
3.2 O “processo curativo”	46
3.3 O Chave enquanto um lugar de cura	51
3.4 A importância da instituição no processo da cura.....	52
3.5 Como eu vejo os outros espaços religiosos?	54
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61
APÊNDICE 1 - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS	64
APÊNDICE 2 - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A DIRIGENTE DO CHAVE.....	65
ANEXO 1 - FICHA UTILIZADA PELA IGREJA CHAVE DE SÃO PEDRO PARA CADASTRO DOS VISITANTES	72

INTRODUÇÃO

Este trabalho resulta de uma imersão na doutrina do Santo Daime, mais especificamente um mergulho em seus processos de cura a partir da consagração do “chá”. Aqui também teremos a oportunidade de conhecer esta religião e compreender a sua história e seus significados.

O Santo Daime é considerado uma “religião ayahuasqueira brasileira”, que utiliza em seus rituais (*trabalhos*) uma bebida, um chá, que também é conhecido dentro desta doutrina como “Daime”. A doutrina tem uma base cristã, devido ao sincretismo religioso, mas ao mesmo tempo é eclética¹ e reúne tradições espíritas, caboclas, indígenas, católicas e esotéricas. Este movimento religioso iniciou nos anos 1930, pelo seringueiro Raimundo Irineu Serra, um homem negro, que vivia em Rio Branco no estado do Acre.

Irineu teve contato com esta bebida, a ayahuasca², através dos indígenas e xamãs da região amazônica. Conta-se que na segunda vez que ele tomou a bebida, teve uma miração³ com uma senhora⁴ que lhe orientou que passasse oito dias no meio da mata apenas tomando ayahuasca e comendo macaxeira insossa. Após esta vivência religiosa na floresta ele recebeu a missão de fundar a doutrina do Santo Daime (MOREIRA; MACRAE, 2011). Durante a sua trajetória de vida se entregou para a caridade, doando-se em prol da cura. Na doutrina ele era chamado pelos seus seguidores de “Mestre Irineu”⁵, pois ajudou e guiou muitos em direção à luz e à transformação.

Outro momento significativo na história da doutrina aconteceu na década de 60, quando Sebastião Mota de Melo vai para Rio Branco buscar a cura para uma doença grave que lhe acometia o fígado. Chegando lá conheceu Raimundo Irineu Serra, que o convidou para tomar Daime. Através desta bebida, Sebastião recebeu a cura da doença que lhe afligia naquele momento. E ele permaneceu na doutrina desde esse dia e aos poucos tornou-se um discípulo de Raimundo Irineu.

¹ De acordo com Groisman, o ecletismo é considerado um conjunto de valores que tem como base receber outras tradições espirituais na busca com o Daime (1999, p. 46).

² Bebida composta pela sinergia de duas plantas, o cipó *Banisteriopsis Caapi* (Jagube) e a folha *Psychotria Viridis* (Rainha). Ela é produzida a partir da técnica de decocção, que extrai o princípio ativo das plantas, neste caso a *dimetiltriptamina* (DMT), que possui propriedades psicoativas.

³ Miração é o ato de ver, deriva da palavra em espanhol, mirar. Ou seja, a miração é ver no plano astral, ter visões abstratas ou até mesmo a memória do adepto.

⁴ Para Irineu “esta senhora” era a própria Virgem da Conceição, que desde então é conhecida na doutrina como a Rainha da Floresta.

⁵ No decorrer deste trabalho utiliza-se o nome “Mestre Irineu”, pois visa preservar as crenças da doutrina e dos adeptos. Da mesma forma acontece nas outras doutrinas quando se refere ao “Mestre Gabriel” e o “Frei Daniel”.

Em julho de 1971 o Mestre Irineu fez a sua passagem⁶ para o plano espiritual. E em 1974 Sebastião criou o CEFLURIS⁷ e difundiu a doutrina do Santo Daime, pelo país e no mundo. Ele seguiu na doutrina até o seu falecimento na década de 90 e, após a sua passagem, seu filho Alfredo Gregório de Melo ficou incumbido de ser o sucessor espiritual e de guardar a doutrina, continuando a obra de seu pai.

O Daime em alguns países é regularizado e tem o seu uso liberado para fins religiosos, já em outros países o uso da bebida é proibido. Embora a doutrina tenha se expandido expressivamente em diversos espaços geográficos, ainda passa por tensões e estigmatização, pois algumas pessoas consideram a bebida uma droga alucinógena, já os adeptos a veem como uma planta-mestre psicoativa.

O meu interesse por este tema se deu pela aproximação e afinidade que tenho com a comunidade daimista. Em 15 de março de 2016 foi a primeira vez que tomei Daime, conheci a doutrina através de um amigo. Na época eu estava passando por um momento turbulento e esta experiência foi muito forte, depois fui duas vezes em outros espaços. E em 2018, após dois anos da minha primeira consagração⁸, regressei e passei a frequentar a igreja CHAVE⁹ de São Pedro. Como uma estudante de Ciências Sociais e apaixonada por religiões, depois de algumas idas à igreja e de reflexões pós rituais, iniciei com questionamentos sobre as curas e os processos de cura que acontecem com os adeptos, dentro da igreja ou fora dela. Por isso, o objetivo desta pesquisa é compreender o funcionamento destes processos de cura pelo olhar de quem a experimenta, dos seus seguidores. Para me ajudar a responder às questões que levantei, a antropologia, pelo ponto de vista científico, me trouxe alguns estudos, artigos e pesquisas sobre Ayahuasca, Santo Daime e processos de cura, que abordarei no decorrer deste trabalho.

O estudo sobre as curas e seus processos dentro da doutrina do Santo Daime é relevante e está além de mera curiosidade estudantil, necessitando de mais pesquisas nesta área, pois ainda carece de informações, referências e documentos atuais. E este trabalho com certeza pode contribuir para gerar mais conhecimento sobre os rituais da doutrina, trazer um aprofundamento das vivências e da cultura a partir do olhar da própria comunidade daimista. Com isto, não só a comunidade acadêmica se beneficia com este trabalho, mas a sociedade em geral, pois traz a oportunidade de alcançar novos públicos acerca do que é a doutrina do Santo Daime, que por

⁶ O Santo Daime incorporou saberes kardecistas na doutrina e crê que a morte é uma passagem para outro plano ou um renascimento.

⁷ CEFLURIS - Centro Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra.

⁸ Consagrar é o ato ritualístico de ingerir a bebida. O Daime é considerado um ser divino, uma bebida sagrada.

⁹ Centro de Harmonia, Amor e Verdade Espiritual, a sigla CHAVE é utilizada neste trabalho como referência à igreja de Porto Alegre (CHAVE de São Pedro).

vezes é desconhecida ou estigmatizada pelo fato de ingerir uma bebida psicoativa constantemente vista como alucinógena. Esta doutrina contém valorização espiritual e terapêutica dentro do seu universo cultural, pois existem crenças na consagração deste “chá”.

Para os adeptos, o Santo Daime não é considerado só uma medicina, uma bebida, é um “ser curador” que vem da floresta, que possui um “poder inacreditável” e atua como professor, ensina e disciplina os seus alunos para que possam aprender, se conhecer e se curar. Alcançar a cura nem sempre é algo fácil, por vezes é sofrido e o indivíduo tem que “merecer”. Diante desta problemática sobre as doenças e os processos de cura na doutrina, a pergunta que se instala é: *De que maneira é construída a percepção sobre as doenças e como isso influencia no processo de cura dos adeptos do Santo Daime?*

O objetivo deste trabalho é compreender como acontece o processo de cura e a cura em si a partir da *consagração* desta bebida, analisar as dinâmicas das doenças e da saúde na concepção dos adeptos da doutrina do Santo Daime, perceber de que forma o Daime é experienciado por eles no contexto religioso e qual o propósito do indivíduo que a ingere.

Para isso, foi necessário:

- entender o sentido que o Santo Daime traz para a vida destas pessoas;
- compreender as definições de doenças e de curas para os adeptos;
- investigar como esta "consagração" reflete no comportamento social;
- estudar e conhecer a cosmologia dos rituais daimistas, seus simbolismos e significados;
- contribuir para ampliar os conhecimentos sobre este movimento religioso.

Durante o meu projeto, minha intenção era realizar a observação participante, com a certeza que este método me traria ferramentas necessárias para sequenciar o trabalho de conclusão de curso, mas após uma conversa com o orientador encontramos uma outra alternativa: fazer entrevistas a partir da metodologia de História de Vida. Esta mudança em um primeiro momento me trouxe frustração e alívio ao mesmo tempo, frustração por não seguir o método que eu esperava e acreditava ser capaz de responder às minhas indagações. E alívio por retirar um dos incômodos latentes: o de observar dentro da *força* do daime, pois eu tinha um receio de perder a percepção do trabalho de campo junto a minha conexão espiritual. Acontece que o estudante que realiza uma observação participante no ambiente daimista encontra uma certa dificuldade de manter um distanciamento em relação ao seu objeto, e este era o meu maior anseio, como eu iria separar a minha experiência espiritual do trabalho de campo. Contudo, com esta nova alternativa encontrei o acalento para a minha frustração e percebi que estava diante de um novo desafio que me surpreenderia no decorrer desta jornada.

Os métodos científicos constantemente têm sofrido alterações e se remodelando de acordo com as necessidades da modernidade e nas ciências humanas isto não é diferente. Para compreender os problemas, os fatos sociais e “fazer ciência” é necessário que as ferramentas sejam adequadas e capazes de trazer respostas significativas ao pesquisador, que possam revelar informações das quais não teríamos acesso através de uma metodologia tradicional ou mais usual. Neste sentido, quando falo em adequar e utilizar ferramentas capazes não estou desmerecendo os métodos mais conhecidos, tampouco me atrevo a falar em rompimento metodológico, pelo contrário, acredito que várias ferramentas somam na produção de conhecimento, de saber, desse fazer ciência. E aceitar o desafio de utilizar este método foi necessário para dar sequência a este trabalho, dar vozes aos adeptos a partir de seus depoimentos, das suas histórias e opiniões. E ter um diálogo de experiências, ter a oportunidade de construir laços além da afetividade, construí-los espiritualmente.

A metodologia de História de Vida já é utilizada nas Ciências Sociais há alguns anos e tem se ampliado também para outras áreas de conhecimento. Este método dá ao indivíduo a possibilidade de revisitar as suas experiências, analisar a sua trajetória de vida a partir de um outro tempo, com um novo olhar e com isto compreende-se o seu meio, o indivíduo e as trocas entre si. Além de ser eficiente como ferramenta de pesquisa, foi possível observar que os membros em diversos momentos puderam expor os seus pensamentos e os seus sentimentos ao longo da execução das entrevistas. O sujeito e o entrevistador a partir da troca entre eles têm a oportunidade de reconstruir os sentidos, uma vez que a História de Vida abre caixas que permitem dar luz não só a sua vida, mas também sobre o contexto social em que o indivíduo está inserido. Bosi (1994, p. 55) afirma que “A memória não é sonho, é trabalho [...] lembrar não é reviver, é refazer, reconstruir, repensar com as ideias de hoje, as experiências do passado”.

Silva et al. (2007) sugere que para execução deste método é imprescindível que o pesquisador tenha um vínculo estabelecido com o entrevistado, esta é uma das preocupações, pois a partir da confiança existente nasce uma liberdade para se expor e se expressar, revelando fatos dos quais não seriam revelados com outros métodos. Ou seja, para entender o meio ou o que acontece nele é importante que ele seja compreendido, dentro do seu contexto, na sua própria realidade.

Assim, o acesso aos fenômenos a serem estudados pelo pesquisador só pode se dar quando ele participa ativamente, como agente, no mundo a ser estudado, pois esses fenômenos são precisamente as produções sociais significantes construídas pelos agentes [...] o conhecimento deve ser construído a partir das interpretações,

significações, daquele em que está inserido no fenômeno social a ser estudado [...] (SILVA et al., 2007, p.30).

Nota-se que estas experiências, estas trocas produzem reflexões que afetam tanto o indivíduo que reconstrói a sua história quanto o entrevistador ou pesquisador que o escuta, e geram sentidos para ambos a partir da ressignificação. Além disso, emergem os outros pontos importantes como a ponte entre trajetória individual e social que sucede a partir da compreensão do indivíduo, do seu meio social, dos seus valores, cultura e ideologia. Silva et al. (2007) conclui que a história de vida é um método científico confiável e ressalta que mesmo que uma história seja individual, ela ainda é coletiva.

Na tentativa de lidar com o “ser afetado” durante a execução deste trabalho, precisei me debruçar no texto de Jeanne Favret-Saada (2005). Foi importante compreender este momento, pois nas entrevistas eu não era somente uma ouvinte, sou amiga e “irmã”¹⁰ de cada entrevistado. E este texto contribuiu em relação à aceitação, principalmente no sentido de entrega ao campo e permitir ser afetado, pois com este movimento abre-se uma comunicação com o lugar e com os membros do grupo a ser estudado. A comunicação aqui pode ser voluntária ou involuntária e emerge espontaneamente, sem intenções previamente definidas e isto torna a pesquisa única, levando em consideração a liberdade e a confiança estabelecida a partir do vínculo, como já visto na História de Vida.

Apesar do teor da obra de Saada (2005) não ser o mesmo deste trabalho, os anseios do pesquisador são semelhantes, não estamos falando de feitiçaria aqui, mas de um processo espiritual relacionado a curas. O fato é que este trabalho acontece por meio de uma escuta sensível do pesquisador, que já está inserido no meio e possui vínculos com os entrevistados, ou seja, está afetado pelo meio e pelos laços. Lidar com esta intensidade afetiva promove também no entrevistador uma vulnerabilidade, pois está exposto e inserido e pode ser modificado pela experiência vivida.

Posteriormente, encontrei na obra de Labate (2004) um termo que se tornou importante para este diálogo, o de “antropóloga ayahuasqueira”. A autora define esta categoria como “um caminho possível para permanecer ligado ao fenômeno a partir de dentro, mas também de fora”. (LABATE, 2004, p. 53). Ao contrário do que eu pensava sobre “ser afetada” considerei que estar ligada ao Santo Daime tanto dentro quanto fora dos rituais me traria oportunidades de me conectar com o Daime e ainda desempenhar a pesquisa. Ou seja, estou dentro da doutrina,

¹⁰ Na doutrina do Santo Daime os membros consideram-se uma família espiritual, se veem como irmãos. Como pertencem à comunidade, me considero parte desta irmandade, me vejo como uma irmã espiritual de cada um.

vivendo os meus processos, sendo afetada pelos vínculos, mas ao mesmo tempo este afeto me proporciona um diálogo direto com a comunidade e uma compreensão do meio ritualístico.

Outro artigo de relevância para estas reflexões metodológicas é o de Caminha Ramos Filho (2016), que explica os métodos utilizados pelos “antropólogos ayahuasqueiros”, e também sobre a oportunidade e a importância de experimentar um ponto de vista desconhecido, que neste caso só o daime tem a capacidade de proporcionar ao observador, ou seja, um outro olhar a partir do estado alterado da consciência. Todavia, para o pesquisador que está imerso no universo cultural e na vida religiosa, existe a possibilidade de se revelar certos aspectos que se estivesse no ambiente externo, fora da comunidade, não se revelariam e tampouco se compreenderiam. Em seguida, veremos nas entrevistas frases como estas: “falar com quem entende a gente”, “gente como a gente”. O que demonstra um certo reconhecimento de si no outro e que deixa em evidência a transmissão de confiança, do vínculo e da conexão, uma semelhança a partir da experiência e do conhecimento mútuo desta bebida expansora de consciência.

Apesar desta pesquisa ser feita com alguns membros da Igreja CHAVE de São Pedro, solicitei a permissão dos dirigentes para entrevistá-los. Posteriormente, recebi também o consentimento de cada um destes membros para a realização das entrevistas. Alguns entrevistados foram escolhidos devido a aproximação e afinidades que possuímos e convidados diretamente por mim via WhatsApp para participar da pesquisa. Como nem todos os convidados aceitaram participar do trabalho, precisei estender o convite de forma geral no grupo de comunicações dos membros da igreja no WhatsApp, e outros interessados me procuraram. No total, entre convidados e interessados em participar, o resultado foi uma amostra diversa: foram oito depoimentos colhidos, com gêneros distintos e com idade entre 20 e 65 anos de idade. Os encontros foram realizados entre 30/11/22 à 06/03/23, todos de forma online, através de videoconferência com duração de 40 minutos a duas horas. A fim de preservá-los, optei por não utilizar os seus nomes verdadeiros¹¹, ao invés disso tomei a liberdade de dar-lhes nomes fictícios, mas que contém significados espirituais nesta doutrina.

A estrutura deste trabalho foi dividida em três capítulos, além desta introdução e as considerações finais. O primeiro tem como foco a literatura que apresenta a Ayahuasca no Brasil: a sua origem ainda sob as mãos indígenas, a fundação da Barquinha, da União do Vegetal (UDV) e do Santo Daime, religiões brasileiras que consagram esta bebida. Aqui darei um enfoque maior no Daime e no seu histórico de formação que é a temática deste trabalho.

¹¹ Com exceção de Cristiane Gaiger, a dirigente do Chave de São Pedro.

Nesta apresentação, a autora Beatriz Labate e os autores Alberto Groisman e Edward MacRae foram essenciais, pois são grandes pesquisadores neste “reino vegetal”.

Ainda neste capítulo, apresento a Igreja CHAVE de São Pedro para que se possa ter uma compreensão visual do espaço a que me refiro. A descrição deste ambiente é necessária, pois é o lugar onde se consagra o Santo Daime, é ali que se abrem as portas (os trabalhos), é ali que as curas e os seus processos se iniciam.

No segundo e terceiro capítulo analiso as entrevistas coletadas com os adeptos da doutrina. Nestes depoimentos, foi importante observar que os indivíduos percebem as doenças não só como um problema de saúde, mas como questões mais amplas e que vão além de uma desordem física, pois nem sempre estão relacionadas a um problema em específico. Da mesma forma, cura também é algo amplo, nem sempre é considerada o fim de um mal-estar. Assim, estes dois polos - cura e doença - são vistos em sua totalidade, de forma ampla, englobando o todo na sua existência, que une psicológico, físico e espiritual. Os dois capítulos compõem a parte central deste trabalho, com a possibilidade de responder às perguntas iniciais de uma forma empírica baseado nos seus depoimentos. Neles contém a compreensão das definições de doença, das definições de cura e dos processos de cura, conforme foi mencionado de maneira simplificada neste parágrafo.

Deste modo, procuro descrever nestes capítulos o que é a Ayahuasca, a sua origem, as religiões ayahuasqueiras brasileiras, a trajetória e a expansão do Santo Daime, a cosmologia da doutrina e a trajetória de curas e doenças dos adeptos desta bebida no contexto da Igreja Chave de São Pedro.

1 A AYAHUASCA

Este capítulo, no primeiro momento, tem a intenção de descrever o que é a Ayahuasca e qual a sua origem. Na sequência, aborda-se o ciclo da borracha, um momento histórico e de relevância, pois a partir deste marco se deu o início das religiões ayahuasqueiras.

No segundo momento, a escrita está focada no aprofundamento sobre a religião do Santo Daime e apresenta os pontos a seguir:

- O Mestre Irineu
- O Padrinho Sebastião
- Os psicoativos e a definição de enteógeno
- A Igreja Chave de São Pedro

A palavra *Ayahuasca*, na língua Quechua, é a junção de duas palavras *aya* (espírito) e *huasca* (vinha/liana). Ou seja, a união destas palavras significa “vinho das almas”, mas ela também é chamada de *Yajé*, *Vegetal*, *Caapi*, *Daime* e tantas outras terminologias no mundo. Esta bebida é utilizada em países como: Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Peru, etc. Ela é produzida por curandeiros, nativos e vegetalista a partir da decocção das duas plantas: a *Banisteriopsis Caapi* (cipó Jagube) e a folha de *Psychotria viridis* (a Rainha). As figuras 1 e 2 correspondem, respectivamente, à limpeza das folhas e ao jagube.

O uso dessas plantas geralmente está relacionado a contextos ritualísticos e religiosos, sendo que nessas situações, através de seus efeitos, ganham o poder de aproximar quem as ingere de seus deuses e coloca os adeptos diante de uma realidade sobrenatural que os aproxima de seu grupo cultural, perpassando sua história individual e grupal, sob presença de forte misticismo religioso (OLIVEIRA, S., 1997).

Lorenzi et al. (2021, p. 352), sobre o cipó Jagube, explica: “Esta planta é considerada pela comunidade indígena, acima de tudo, um medicamento, servindo para o tratamento de muitas doenças, pois acreditam que conseguem a sua força através da comunicação com o mundo espiritual de onde vem a doença e a morte”.

A Ayahuasca é considerada uma bebida medicinal, cultural e milenar, utilizada por diversos povos indígenas. Conforme a pesquisa realizada por Antunes (2011), desde a chegada dos primeiros europeus à Amazônia, o uso da Ayahuasca pelos indígenas no Brasil foi observado e descrito ocasionalmente por missionários e viajantes somente a partir do final do século XVII. Porém o autor enfatiza que a produção acadêmica sobre a Ayahuasca é recente, e iniciou-se na metade do século XIX com a publicação do trabalho do botânico Richard Spruce,

que em 1852 identificou o *Banisteriopsis Caapi* e presenciou uma cerimônia indígena na região do rio Vaupés.

Figura 1 - Limpeza das folhas da Rainha



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 2 - Jagube



Fonte: Grupo do CHAVE de São Pedro no Facebook¹².

1.1 O ciclo da borracha

No final do século XIX e início do século XX, a extração da borracha estava em alta e muitos trabalhadores, a convite do governo brasileiro, migraram até a Amazônia para exercerem a profissão de seringueiro. Na busca de garantirem o seu sustento, os trabalhadores chegavam de lugares variados, alguns sozinhos e outros acompanhados de suas famílias. Da Silva aponta que o surgimento do Ciclo da Borracha se inicia em 1845 e intensifica-se em 1877, levando a população da região amazônica a aumentar de 330 mil pessoas em 1872 para 1 milhão e 400 mil em 1929 (2002, p. 371).

¹² Disponível em: <https://www.facebook.com/photo?fbid=10223060791932860&set=pcb.4072655599427748>. Acesso em: 02 de Abr. de 2023.

O látex é um líquido extraído da seringueira, uma árvore nativa da floresta amazônica. A floresta está em grande parte no solo brasileiro, mas o território se estende para outros países como: Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Suriname, Guiana e Guiana Francesa.

Na época, ocorria na região um interstício entre o primeiro ciclo da borracha, no início do século, e o segundo ciclo da borracha, nas décadas de 30 e 40. O movimento de imigrantes nordestinos era intenso e envolvia não apenas o território nacional mas também as áreas fronteiriças com o Peru e a Bolívia. Seringalistas e seringueiros viviam momentos de conflito, e a concentração da população migrante nos núcleos urbanos crescia (GROISMAN, 1999).

Acredita-se que o contato com os povos indígenas da região ou a cerca dela proporcionou algumas “trocas de conhecimento”, o que possibilitou os seringueiros após isso terem a oportunidade de se aproximar dos saberes da Ayahuasca.

Com a alta demanda da extração do látex e o convívio muitas vezes forçado dos habitantes, as culturas existentes foram moldadas, as crenças religiosas incorporadas e novos elementos e símbolos nasceram a partir destas relações e trocas de saberes. Apesar de naquele momento histórico existirem tensões por conta da exploração do local e também pelo convívio por vezes obrigatório, encontraram os seringueiros, indígenas e não-indígenas, mesmo que “forçosamente”, um momento de partilha.

O problema inicial a ser resolvido foi o da escassez de mão-de-obra para trabalhar na extração do látex. A população indígena resistia, e os embates eram violentos. Expedições armadas – as “correrias” – visando dizimar e expulsar as populações indígenas de seus tradicionais territórios foram organizadas, e são responsáveis pelo extermínio de vários grupos, ou pela sua fuga para áreas sem ocorrência de seringueiras localizadas no Peru. Em alguns casos, grupos indígenas foram absorvidos pela empresa seringalista, como é o caso dos Kaxinawá do rio Jordão, de língua Pano. Seus tradicionais inimigos Aruák, cuja população concentra-se majoritariamente no Peru, foram num primeiro momento escravizados por caucheiros e, após 1870, teriam sido atraídos por patrões brasileiros como força de combate contra os Panos arredios (FRANCO, 2002, p. 201-202).

Não se sabe ao certo a data que o primeiro seringueiro experimentou a bebida, pois havia encontros em diversos pontos da floresta, uma união entre seringueiros, que às vezes até se encontravam às escondidas para que o patrão não os descobrisse. Ainda que não seja o foco deste trabalho, é importante ressaltar neste tópico do “Ciclo da borracha” que muitos povos originários foram exterminados de forma cruel, outros tantos sofreram ameaças e embates violentos de várias forças externas, na intenção de expulsá-los de seus tradicionais territórios e ocuparem esses espaços para fins lucrativos. A população indígena resistiu muito às ações de

domínio e exploração de um (des)governo, que se articulava para suscitar brigas entre as mesmas etnias ou entre outras, e assim provocar uma desmobilização dos povos.

1.2 As religiões Ayahuasqueiras brasileiras

No século 20, surgiram três religiões brasileiras Ayahuasqueiras que passaram a utilizar esta bebida nos seus rituais: A Barquinha (fundada por Daniel Pereira de Mattos), a União do Vegetal (fundada por José Gabriel da Costa) e o Santo Daime, fundada na década de 1930 pelo maranhense Raimundo Irineu Serra. Nesta seção apresentarei as duas primeiras, deixando o Santo Daime por último, devido a sua relação direta com o grupo pesquisado.

É importante ressaltar a estreita conexão histórica do Santo Daime com a Barquinha, pois Irineu Serra, já conhecido como Mestre Irineu após a fundação da doutrina, teve Daniel Pereira como adepto até este conceber a sua própria linha doutrinária.

1.2.1 A Barquinha

A Barquinha foi fundada em 1945 pelo maranhense Daniel Pereira de Mattos, conterrâneo de Mestre Irineu e conhecido popularmente como Frei Daniel. No ano de 1936, Daniel iniciou um tratamento espiritual a convite do Mestre Irineu, pois ele estava muito doente com problemas no fígado devido ao abuso do álcool. Quando já estava bem de saúde, interrompeu o tratamento e teve uma recaída, adoecendo outra vez. Novamente, foi chamado pelo amigo para que desse continuidade ao tratamento de saúde com o Daime que ele já havia iniciado anteriormente.

Daniel tinha uma habilidade musical única, participou com o seu violão em diversos trabalhos na Igreja do amigo Irineu e também ajudou na composição dos hinos. Em um dos trabalhos que participou teve uma visão com dois anjos lhe entregando um livro azul. E ele entendeu esta revelação como uma missão espiritual de fundar uma doutrina Cristã baseada na caridade.

Antes de iniciar a sua obra, aconselhou-se com Irineu, o qual lhe deu a permissão e o incentivou a seguir sua caminhada de fé e começar as suas tarefas espirituais. Prontamente Daniel seguiu os conselhos do amigo e deu prosseguimento na sua missão, guiando os trabalhos no “Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz”. Nesta doutrina utiliza-se

vários elementos ligados ao mar. As fardas¹³, por exemplo, se assemelham à farda de um marinheiro. Conforme menciona Araújo:

Uma das características marcantes do Centro criado por Daniel reside no fato de muitos dos símbolos da casa estarem relacionados ao mar. A história de vida deste homem reforçou estes elementos, os quais fazem referências a seres aquáticos e a uma nau, chamada carinhosamente pelos adeptos de "Barquinha" (ARAÚJO, 2002, p. 497).

1.2.2 União do Vegetal

A **União do Vegetal (UDV)** foi fundada em julho de 1961 por José Gabriel da Costa. Conforme Gentil, José Gabriel era natural de Feira de Santana, na Bahia, e em 1943 estabeleceu residência em Rondônia para trabalhar como seringueiro na famosa “batalha da borracha”, organizada pelo governo brasileiro (GENTIL; GENTIL, 2002, p. 514).

Em meados de 1959, na Bolívia, nas proximidades do rio Abunã, território que faz fronteira com o Acre, através de outros seringueiros, José Gabriel conheceu a Ayahuasca. Nos anos seguintes, já conhecido como Mestre Gabriel, ingeria a Hoasca¹⁴ com a sua família e alguns amigos também seringueiros. Mudou-se para Porto Velho e iniciou a estruturação e a expansão da religião, que foi registrada em cartório como Associação Beneficente União do Vegetal e posteriormente passou a ser chamada de Centro Espírita Beneficente União do Vegetal.

A doutrina é eclética, tem base cristã e também abarca elementos das culturas africanas, indígenas e principalmente se compõe de elementos espíritas, pois tem a reencarnação como um dos seus pilares. Ainda que trabalhem com os elementos espíritas e acreditem nas sucessões das encarnações como uma forma de evolução do espírito, se distingue em parte do espiritismo, pois não realizam *incorporações, passes e psicografias* (GENTIL; GENTIL, 2002, p. 514, 516).

O Mestre Gabriel desencarnou em 1971, no mesmo ano que o Mestre Irineu também fez a sua passagem. Os trabalhos na UDV continuaram após a sua morte e mantiveram a sua transmissão de conhecimento e dos valores da doutrina para os membros associados. Atualmente na União do Vegetal estima-se mais de 27 mil associados espalhados no Brasil e em outros países (UDV, 2023).

¹³ Fardas são as roupas que o iniciado veste durante os trabalhos espirituais.

¹⁴ Para a UDV a bebida denomina-se Hoasca, mas o chá também é chamado de Vegetal.

1.2.3 Santo Daime

O Santo Daime é uma das religiões brasileiras que consomem Ayahuasca nos seus *trabalhos* espirituais, e aqui o “chá” passa a ser chamado de “Daime”. De acordo com Groisman (1999), a doutrina foi fundada entre 1920 e 1930 no estado do Acre pelo seringueiro Raimundo Irineu Serra, que ficou conhecido na região e na doutrina por Mestre Irineu.

O fundador, Raimundo Irineu Serra, era um homem negro, neto de ex-escravos, nascido em 15 de dezembro de 1890¹⁵ em São Vicente Férrer, no estado do Maranhão. No ano de 1911 ele partiu em direção a floresta amazônica, assim como outros seringueiros, na busca de trabalho e aos poucos foi construindo a sua trajetória, trabalhou como seringueiro, foi soldado da Guarda territorial e também realizou outras atividades (SANTO DAIME, 2015).

A partir destas relações de trabalho nos seringais e do contato com os indígenas seringueiros e os não-seringueiros da região, Raimundo Irineu se aproximou das culturas e tradições destes povos, e teve assim o seu primeiro contato com a Ayahuasca.

Conforme mencionado na introdução deste trabalho, ele ingeriu a bebida e teve uma *miração* e *recebeu* instruções de uma senhora, a missão de fundar a doutrina do Santo Daime e *trabalhar* em prol dos doentes e necessitados que lhe procurassem. Esta senhora veio a ser conhecida como a Nossa Sra. da Conceição, ícone de importância para esta doutrina (MOREIRA; MACRAE, 2011).

Os relatos acerca do primeiro contato de Mestre Irineu com o Daime indicam que ele acontece nos arredores de Brasiléia. Antônio Costa teria conduzido Mestre Irineu a um local onde um homem servia uma bebida especial. Mestre Irineu teria tomado a bebida e uma senhora lhe teria aparecido do nada, dizendo-lhe que tinha muitas coisas finas para ensinar-lhe, mas condicionando estes ensinamentos a seu uso desinteressado (GROISMAN, 1999, p. 19).

O primeiro centro daimista criado foi a igreja Centro de Iluminação Cristã Luz Universal Alto Santo, que está localizada em Rio Branco, no estado do Acre (GROISMAN, 1999). Em companhia de Raimundo Irineu Serra, na consolidação deste centro, também estavam José Francisco das Neves, Maria Damião, Germano Guilherme, João Pereira e Percília Matos da Silva.

¹⁵Não há um consenso sobre a data de nascimento do Mestre Irineu e aqui, para preservar o conhecimento e a tradição oral, opta-se por esta data que é distinta da sua data de batismo (GROISMAN, 1999, p. 18).

Sebastião Mota de Melo nasceu em 07 de outubro de 1920 em Eirunepé no Amazonas. Desde pequeno tinha conexões espirituais significativas. Na sua fase adulta “trabalhava” em centros espirituais, atendia os doentes e recebia informações e incorporava entidades curadoras.

Ainda no início da década de 60, trabalhava como seringueiro e ficou muito doente. Procurou vários médicos e não encontrou uma cura para a sua doença. Em 1965, ainda sem um tratamento eficaz e já desenganado pelos médicos, descobre um “grande curador” na região e decide procurá-lo. Assim Sebastião conheceu Irineu Serra e, como muitos doentes da região, conseguiu alcançar a sua cura. Conta-se que pediu ajuda ao Mestre Irineu e ele lhe deu um “copão” de Daime para curar-se. Groisman abaixo comenta a *miração* que Sebastião vivenciou:

Padrinho Sebastião tem então uma miração na qual vê médicos recortando o seu corpo todo, separando carnes e vísceras de ossos e retirando “de dentro do fígado três ovos ensangüentados como larvas”. Seu corpo então é recomposto, a ferida é “costurada” e os médicos lhe dizem que daquilo ele não morreria mais (GROISMAN, 1999, p. 21).

Deste momento em diante, Sebastião Mota de Melo permaneceu na doutrina do Santo Daime e tornou-se mais um discípulo de Irineu Serra a contribuir em sua jornada espiritual. Infelizmente o Mestre Irineu veio a óbito em julho de 1971, ele era conhecido como um homem forte e alegre, que possuía um dom curador. Na sua jornada terrena, trabalhou e se dedicou para a caridade e auxiliou muitas pessoas no tratamento de doenças.

Em 1974, Sebastião (já conhecido como “Padrinho Sebastião”), dando continuidade aos trabalhos espirituais, criou o CEFLURIS e expandiu a doutrina pelo país e no mundo. Seu filho Alfredo Gregório de Melo, que já realizava antes atividades na doutrina, após a *passagem* de Sebastião torna-se um guardião, zelando a obra de seu pai e dando continuidade a esta herança espiritual deixada pelo Mestre Irineu, distribuindo este chá até os dias atuais.

No Brasil, o uso de psicoativos para fins religiosos por populações não indígenas tinha pouca visibilidade até o início dos anos 80. Na época, foram criados núcleos daimistas no centro do país, e também foram publicados trabalhos acadêmicos sobre o Santo Daime e a União do Vegetal, outro grupo usuário da *ayahuasca* (GROISMAN, 1999, p. 13).

1.2.3.1 Um pouco sobre a doutrina e seus rituais

A doutrina considera-se eclética e universal, possui uma base cristã, reúne tradições espíritas, caboclas, indígenas, católicas e esotéricas. A universalidade aqui compreende-se

como a inclusão de saberes e tradições milenares de outros povos e culturas, como por exemplo a linha do Sebastião Mota, a qual incluiu saberes da umbanda.

No início os *trabalhos* resumiam-se em tomar Daime e ficar em silêncio e aos poucos, conforme as instruções que o Mestre Irineu recebeu do *astral*, inseriram-se as novas configurações.

Na doutrina existem vários *trabalhos*, cada qual com a sua especificidade e dentre eles os considerados mais importantes, são as datas festivas, que seguem o calendário oficial. As datas em sua maioria marcam nascimentos e mortes, como as do Mestre Irineu e de Sebastião Mota, aniversário de Alfredo Gregório, um dos filhos de Sebastião, algumas datas santas, Nossa Sra. da Conceição, São José, Santo Antônio, São Pedro, entre outros festejos do calendário.

Em todos os trabalhos realizados ingere-se o Daime, canta-se os “hinos” propostos para o dia. E alguns “hinários” possuem *bailados*, uma espécie de “dança” ritmada, que acompanha o movimento coletivo, tem três ritmos: a valsa, a marcha e a mazurca. O *bailado* é uma sincronia em grupo, marcada pelos passos dos pés em conjunto com o som do maracá (um instrumento percussivo semelhante a um chocalho).

Na maior parte do baile se dança um ritmo de “marcha”, executado com dois passos para o lado direito e dois passos para o lado esquerdo. Esta marcha do baile daimista pode ser repetida por mais de oito horas. Estima-se, a depender do tamanho do passo, que os daimistas possam percorrer cerca de 20 km num ritual desses. Ouve-se na comunidade do Daime que baile dá vigor e saúde aos adeptos, principalmente pela exigência de preparo físico (MOREIRA; MACRAE, 2015, p. 401).

Os *hinos* são músicas que foram “recebidas do astral”, a partir de uma comunicação com os seres espirituais; segundo os adeptos, neles estão contidos os ensinamentos sobre o mundo material e espiritual. Ele é responsável por boa parte do trabalho, pois a doutrina é oral e musical, traz os seus ensinamentos através dos hinos cantados.

As fardas dos adeptos são dois tipos de vestimentas utilizadas nos rituais. A farda branca para os trabalhos festivos e a farda azul para as outras atividades de “instrução”. O *fardamento* só pode ser feito depois da pessoa participar de três *trabalhos*, ou seja, tomar daime três vezes. É considerado um ritual de passagem importante na vida de todo daimista, pois o indivíduo deixa de ser frequentador e passa a ser um membro ativo da casa e a compor o corpo *mediúnico*. Quando ele se farda, o/a dirigente coloca uma “estrela”¹⁶ em seu peito e a partir deste momento passa a pertencer ao grupo e também a ter obrigações e compromissos com a doutrina: comparecer aos trabalhos oficiais, estar com a sua farda completa, respeitar a doutrina,

¹⁶ Acessório geralmente feito de metal em formato de estrela, que compõe a farda do adepto.

participar das atividades internas da igreja, etc. Aqui deixa-se claro que o frequentador possui a liberdade de se iniciar quando sentir que deve fazê-lo, mas isso não impossibilita que ele seja “empurrado” para tal ação e finalmente passe a pertencer ao grupo.

Importante ressaltar que o Santo Daime é composto por “subgrupos”, e esses consideram-se seguidores dos ensinamentos do Mestre Irineu. As principais vertentes, ou “linhas”, como também são chamadas, são o “Alto Santo” e a linha do Padrinho Sebastião. As duas possuem suas peculiaridades, o CEFLURIS foi liderado por Sebastião e atualmente segue os comandos de seu filho Alfredo Gregório, mas as igrejas do Alto Santo CICLU nem sempre reconhecem esta linha de trabalhos, e por vezes tentam se desvincular dela devido a disputas e conflitos internos. Além disso, nos trabalhos também existem diferenças, no Alto Santo, por exemplo, a vestimenta, o *maracá* e a estrutura da igreja não são idênticas às da linha do Sebastião, também não incluíram em seus rituais os trabalhos de Umbandaime¹⁷.

Outra diferença é a utilização da *Cannabis Sativa*, planta adotada pelo líder Sebastião Mota. Conta-se que nos anos 70, época dos movimentos contra culturais, muitos viajantes, “mochileiros”, pejorativamente rotulados como *hippies*, passaram pela doutrina e durante esta passagem foi incorporado o uso ritualístico e sacramental da *Cannabis*. Este psicoativo, apesar de ilícito no Brasil, é considerado para os adeptos uma planta medicinal, com alto poder curativo. Novamente, a doutrina se molda, é incorporada, e adota novas crenças e tradições. Após ser apresentada ao Sebastião, a *Cannabis* foi (re)batizada e tornou-se a “Santa Maria”.

Uma situação paradoxal então se cria. A *Cannabis*, legal e socialmente proscrita no Brasil, é utilizada como sacramento, planta-mestre, protetora e guia espiritual, pelos seguidores de Mota de Melo. O sagrado substitui o proscrito; o respeito, a perseguição. Assim, a *Cannabis* recebe um nome santificado, Santa Maria, para colocá-la no panteão sagrado das plantas de poder que os daimistas usam (GROISMAN, 1999, p. 102).

Portanto, é a própria “deidade” encontrada na substância Santo Daime que se apresenta intercambiável, por suas qualidades, para a revelação da *Cannabis* como Santa Maria. Ambas contêm as “forças misteriosas” que podem levar seus usuários “ao além” e promover perceptíveis curas físicas e espirituais. A adesão da nova “substância psicotrópica” como pertencente ao que é “do espiritual” também sugere que os “estados alterados de consciência” possam ser compreendidos como uma “percepção ampliada” em relação ao estado ordinário de consciência. Em que substâncias ou plantas presentes na natureza podem configurar o corpo para um possível contato “ao além”, ou, possibilitar percepções específicas sobre “o espiritual”, de domínio de determinada substância, quando em um ritual (FERREIRA JÚNIOR, 2017, p. 191).

¹⁷ Umbandaime são rituais com entoação de “pontos” para diferentes orixás sob o efeito psicoativo do Daime (OLIVEIRA, I., 2011).

Se faz necessária, portanto, a conversação sobre “drogas”, sobre os estigmas em relação a estas plantas psicoativas, para que estes possam ser dissolvidos a partir de informações e de conhecimentos acerca desses pontos. Ainda que algumas substâncias sejam “demonizadas”, entende-se que são plantas de cunho medicinal, capazes de proporcionar bem estar aos indivíduos.

1.2.3.2 Plantas - mestras

Para a Organização Mundial da Saúde (OMS), drogas são substâncias naturais ou sintéticas que podem causar dependência química ou psicológica. Ainda que as substâncias sejam lícitas ou ilícitas, o seu uso é considerado uma doença. Acredita-se que o seu uso indevido, além de ser um problema de saúde pública, afeta valores culturais, sociais, econômicos e políticos (BVS, 2019).

Conforme Araújo (2015), a categorização das substâncias como drogas ao longo dos anos esteve diversas vezes associada às formas de uso, ao contexto social e aos usuários. As proibições estão relacionadas às visões sobre estas formas de uso e os seus contextos, o que resulta em estigmas negativos ou positivos. Em alguns países, estas práticas e usos têm sido debatidas, e houve um certo “afrouxamento” em relação às definições de algumas substâncias que destoam do panorama proibicionista e por vezes depreciativo.

É importante lembrar que o Daimé é regularizado e tem o seu uso liberado para fins religiosos em alguns países, já em outros o uso da bebida é proibido. Embora houve uma expansão geográfica a partir da obra de Sebastião e da União do Vegetal, a Ayahuasca passa constantemente por tensões e estigmatização. Para algumas pessoas, esta bebida é uma droga alucinógena, já os adeptos a consideram uma planta-mestra psicoativa. Portanto, para preservar a percepção dos adeptos sobre a composição química desta bebida e trabalhar com ela como um enteógeno, é imprescindível uma compreensão e distinção entre enteógeno e alucinógeno.

Groisman comenta que as plantas-mestras classificadas como alucinógenas são objetos de preconceito e esta denominação descaracteriza a qualidade dos seus efeitos. E ainda contribui para disseminar que a utilização deste “alucinógeno” não é somente um estado alterado da consciência e sim um estado alucinatório¹⁸ com fantasias e ilusões (1999, p. 36). Esta

¹⁸ Na psiquiatria este fenômeno psíquico é considerado uma manifestação psicopatológica (ver p. 36, Groisman, 1999).

classificação e significação deturpa a proposta e o conceito no qual se baseia o Santo Daime, pois como visto, considera a bebida um enteógeno.

Neste caso, assim como para outras plantas de poder utilizadas por diversas culturas, o termo correto é ENTEÓGENO. A palavra “enteógeno” significa literalmente “manifestação interior do divino”, e deriva-se do grego, sendo da mesma origem da palavra “entusiasmo”, que refere à comunhão religiosa sob o efeito de substâncias psicoativas (ALFIERI, 2015, p. 2).

Apesar da discriminação social, nesse caso uma intolerância religiosa, pelo uso da bebida em seus rituais, a Ayahuasca saiu da classificação de substâncias alucinógenas. No dia 23 de novembro de 2006 o Conselho Nacional de Política Sobre Drogas (CONAD) excluiu da sua lista a Ayahuasca. Este movimento foi recebido como uma vitória, pois esta medicina em setembro de 1987 já tinha sido retirada desta lista apenas em caráter provisório (ALFIERI, 2015).

Nos rituais do Santo Daime, estas plantas são vistas como um enteógeno que é capaz de expandir a consciência e de mediar uma conexão com o plano espiritual. Desde o início da doutrina os adeptos tomam daime para tratar os seus males físicos e espirituais. Toma-se daime também para se corrigir os defeitos, mudar de conduta, de hábitos, para cantar, para se conectar com Deus. O daime é o veículo principal para os processos de cura.

1.3 A Igreja CHAVE de São Pedro

A igreja está localizada na zona sul de Porto Alegre e foi fundada em 15 de março de 1998, com o apoio do patrono Paulo Alexandre que fez a passagem deste mundo em outubro de 2006. Desde então seguem os seus rituais comandados pelo casal de dirigentes Wilton George Souza e sua companheira Cristiane Gaiger Ferreira. No depoimento a seguir, Cristiane conta como conheceu o Santo Daime e posteriormente como surgiu a Igreja Chave de São Pedro.

Em 1988 eu fui convidada para fazer parte de um ritual de Ayahuasca, não tinha Santo Daime ainda e não tinha nenhuma Igreja em Porto Alegre[...] e eu fui até Santa Catarina na Igreja do Patriarca São José, para poder me fardar, porque em Porto Alegre não tinha ainda. Me fardei lá e vim para cá e a gente deu início "ao ritual", mas a gente não tinha conhecimento, fazíamos só a oração, um pouco de concentração e o cruzeirinho, no meio a gente ouvia algumas músicas de Mpb, inner voices, new age. E depois eu conheci a Igreja Cruzeiro do Sul e comecei a frequentar lá porque tinha uma organização adequada para o que eu estava precisando na época e parei de frequentar o lugar onde eu tinha iniciado. E lá eu conheci o padrinho Alfredo e a doutrina toda, mas por uma desavença nossa, de questões internas deles eu acabei saindo de lá e fiquei sem lugar para ir. E tive que buscar outros lugares, mas a partir

dali eu não me encaixava mais em nenhum lugar e aí nós resolvemos abrir a Casa de Cura Jardim Santa Maria, que começou dentro da minha casa. Então, em um momento eu tinha a minha sala, no outro virava igreja por algum período e ali a gente recebia algumas pessoas que eram conhecidas nossas, pois não tínhamos muito espaço. E assim foi crescendo e crescendo, e nós começamos a fazer os hinários e às vezes precisávamos alugar espaços para isso. Até que um dia o Pad. Alfredo disse eu quero conhecer aí...

Então começamos uma busca de local para poder receber o Pad. Alfredo e alugamos este local, fizemos um trabalho lá com 300 pessoas, foi maravilhoso. E a gente percebeu que precisávamos de um lugar para a gente. E aí buscamos um lugar para alugar até que consegui encontrar o espaço do sítio onde hoje está o Chave. Eu não tinha a intenção de ser dirigente de igreja, queria era um local para ir. E lá na Cruzeiro do Sul, conheci o Paulinho, uma das pessoas que nos ajudou bastante...

O Paulo Alexandre Cardoso que é nosso patrono hoje, conhecia o Wilton da juventude e eu o conheci lá no Cruzeiro do Sul. Ele se casou com a filha do padrinho Sebastião e morou com a madrinha Rita (esposa do Sebastião) por bastante tempo, até fazer a sua passagem. E ele fez esta ponte entre nós e o padrinho Alfredo, para que pudéssemos ter a igreja e fazer os trabalhos dentro do apartamento. Então a gente recebeu uma carta de autorização do Céu do Mapiá, os dirigentes geralmente vão até lá para receber esta carta e ter a sua Igreja e no meu caso e do Wilton foi diferente, porque a gente teve esse intermédio do Paulinho. Então foi ele quem fez a conexão entre a gente e aí acabou que deu certo. (Trecho da entrevista com Cristiane realizada em 06/03/23)

Cristiane relatou que consagra o Daime há 35 anos. Ela conta um pouco da sua trajetória com a Ayahuasca: no início não tinha tanto conhecimento sobre a doutrina e aos poucos foi buscando informações e 'estudando'. Realizou o seu fardamento na Igreja do Patriarca São José em Santa Catarina, pois como ela relatou não existia igreja em Porto Alegre ainda. Participou também da Igreja Céu do Cruzeiro do Sul, localizada na cidade de Viamão, mas por incompatibilidade com as normas da casa, ela e seu companheiro resolveram parar de frequentar o local e conseqüentemente ficaram sem lugar para ir. A partir deste momento ela não encontrou outro espaço no qual se identificasse para se envolver e assim surgiu a necessidade e a ideia de abrir uma nova casa. No começo os trabalhos eram feitos em sua residência, mas o lugar ficou pequeno para a quantidade de pessoas que frequentavam. E então alugaram espaços para realizar os trabalhos, até que em um desses espaços receberam o Padrinho Alfredo e perceberam a importância de um espaço fixo que suprisse essa necessidade e aos poucos foram construindo a Igreja Chave de São Pedro.

1.3.1 Grupos de trabalho e projetos

Atualmente conforme informado pela presidenta Cleusa Prates, a Igreja possui vários grupos de trabalho (GT). A criação desses grupos geralmente é feita para dar conta de uma tarefa ou uma necessidade momentânea, tanto em caráter provisório ou definitivo. E de acordo

com as demandas, os membros da casa se comprometem de forma voluntária a executar as atividades e melhorias.

A estrutura organizacional se compõe dos dirigentes Wilton e Cristiane, a coordenação, a presidenta, a secretária e o tesoureiro. No dia de cada trabalho é escolhido os fiscais¹⁹ para acompanharem e ajudarem na organização geral do salão. Os grupos de trabalhos são os que movimentam a casa, foram criados a partir das necessidades da Igreja:

Grupos de ensaio - a doutrina é musical e para o trabalho estar em sincronia é necessário estudos de como cantar esses hinos de forma correta e acessar as informações que eles contêm.

Grupo de mutirões - serve para realizar e manter os cuidados com a casa e com o espaço. É uma oportunidade aos irmãos de servir a casa e aprimorar os espaços externos. É o momento de servir à casa que te serve.

Grupo de gestão - é um grupo de organização e tomada de decisões que reúne a diretoria, a coordenação, a presidenta, a secretária e o tesoureiro.

Grupo administrativo - possui mais de 20 pessoas de áreas distintas, que prestam serviços voluntários: arquitetos, da área da saúde, do marketing, finanças e outras. É uma gestão participativa na tomada de decisões.

Grupo da terreira - que realiza um estudo feito com os elementos e entidades da natureza, os orixás.

Grupo da cantina - é um grupo de mulheres que arrecada fundos a partir da venda de alimentos na Igreja. Os alimentos vendidos são feitos pelas “cantineiras” ou doados pela irmandade para serem vendidos.

Grupo dos reinados - que se preocupa com o plantio e cuidado das Rainhas e Jagubes.

Grupo das crianças - é um grupo voltado aos pais, criado para captar fundos para a reforma do quartinho das crianças. E também para mobilizar projetos, atividades e melhorias para o conforto dos pequenos.

Além destes trabalhos realizados existem projetos, ações e eventos que mobilizam os irmãos, como é o caso do projeto “Águas do Chave”, que arrecada recursos para desenvolver e aprimorar a estrutura hídrica da igreja, utilizada através de poço artesiano. E a ação social da Rede do Bem, que foi iniciada durante a pandemia de COVID-19 para apoiar os membros da casa que perderam o emprego e precisavam de auxílio naquele momento. O suporte da Rede do

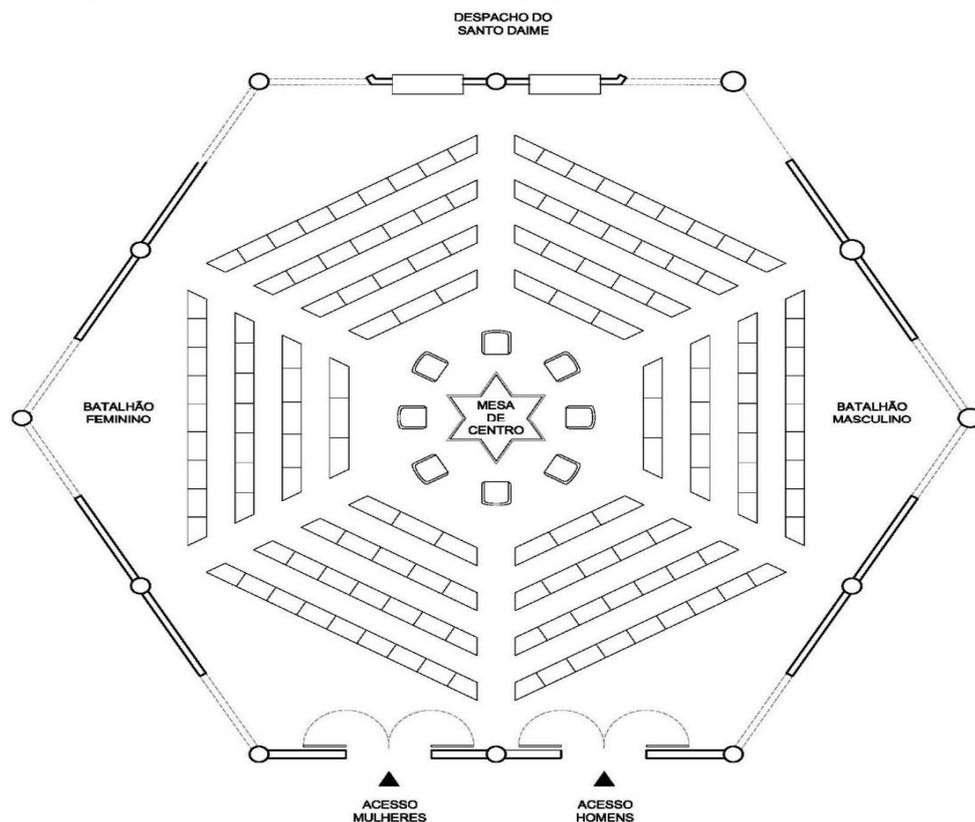
¹⁹ Na igreja, os fiscais são pessoas designadas a cuidarem do andamento do trabalho. Caso necessário, auxiliam os irmãos necessitados para preservar a segurança e o bem estar de todos.

Bem foi importante para os membros e este movimento de solidariedade se estendeu para fora da igreja. Hoje, em parceria com um centro espírita, é realizado também outro projeto, o Ação Rua, que em conjunto com a irmandade auxilia pessoas em vulnerabilidade e em situação de rua.

1.3.2 O “salão dourado”

O salão onde acontecem os rituais é o maior símbolo do trabalho espiritual, possui um formato hexagonal, semelhante a uma estrela de seis pontas, tem duas portas de entrada, uma feminina e outra masculina. Assim como as portas, o salão está dividido em dois lados, um para os homens e outro para as mulheres (figura 3).

Figura 3 - Planta baixa do salão da igreja Chave de São Pedro



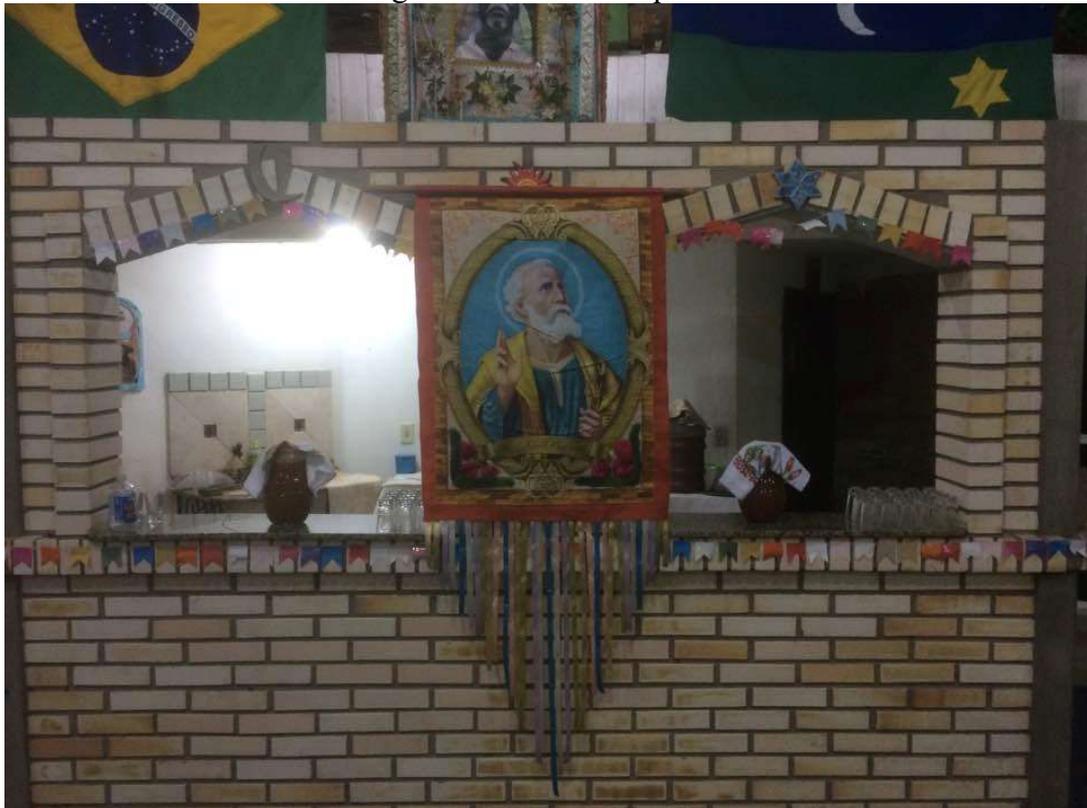
Fonte: Pedro Araújo, 2023²⁰

Conforme mostra a Figura 4, há também a "casinha do despacho", nome dado ao lugar onde é servido o Daime. Exatamente no centro do salão, entre a casa do despacho e as portas,

²⁰ Planta enviada ao meu Whatsapp no dia 03/03/2023 por Pedro Araújo (membro do Chave).

há uma mesa feita em madeira que também possui o formato de uma estrela de seis pontas, sobre ela estão dispostos um cruzeiro²¹ de madeira, geralmente dispõe de três velas acesas que simbolizam o sol, a lua e as estrelas, fotos do Mestre Irineu e do casal Sebastião de Mota Melo e Rita Gregório de Melo, além de algumas flores e enfeites. Essa breve descrição é necessária, pois é neste ambiente que chegam “os doentes” e onde a maioria dos processos de cura acontecem.

Figura 4 - Casa do despacho



Fonte: Grupo CHAVE de São Pedro no Facebook²²

É raro encontrar as portas de uma igreja fechada. Em uma rápida caminhada em Porto Alegre, apenas ao passar por alguns quarteirões, podemos ver muitas igrejas e centros espirituais, e geralmente quando passamos pela frente conseguimos observar as suas portas abertas, seja ela evangélica, católica, espírita ou outras. De forma semelhante, a Igreja Chave de São Pedro mantém as suas portas sempre abertas, sempre disposta a receber e acolher mais um irmão, porque “é isso, estamos nesta jornada na terra, junto com os nossos irmãos”. Essa

²¹ Cruz de Caravaca que possui dois braços. Este cruzeiro é considerado um dos símbolos sagrados do Santo Daime, representa a volta de Cristo à terra.

²² Disponível em: <https://www.fb.com/photo/?fbid=10209359551530413&set=pb.1372453336.-2207520000.> Acesso em: 02 de Abr. de 2023.

casa recebe pessoas de diversos estilos de vida, de várias classes sociais, vários gêneros e várias etnias e o que todas têm em comum são as suas dores, sejam “chagas do corpo ou chagas da alma”. Que fique claro que nem todos chegam doentes, mas “uns são mais inteiros e outros mais quebrados”, cada qual com a sua singularidade.

1.3.3 Os rituais de cura no Chave

Na igreja, existem rituais de cura abertos ao público e rituais exclusivos para membros ou para alguns membros selecionados previamente. Considera-se de cura os trabalhos de São Miguel, Linha de Arrochim, Mesa Branca e o de Estrela, este último designado para alguns fardados. Os trabalhos são voltados para desobsessão, “limpeza”, “doutrinação de sofredores”, tanto para os membros quanto para os visitantes. Geralmente são feitos à noite, nos dias 27 de cada mês ao longo do ano, mas não é uma regra, depende da organização dos dirigentes. O trabalho representado na Figura 5, por exemplo, é uma “Concentração”, que ocorre todos os dias 15 e 30 de cada mês. Antes de iniciar o trabalho, o dirigente convida alguns membros para sentar ao redor da mesa e convoca os fiscais que irão auxiliar no decorrer da sessão. Então, são feitas orações para “abertura” da sessão (Pai Nosso, Ave Maria e Chave de Harmonia), abrem o despacho do Daime, e depois de servido as pessoas retornam aos seus lugares, permanecendo em silêncio. Durante a sessão, são cantados hinos específicos para aquele trabalho ao som de alguns instrumentos musicais - dependendo do trabalho não há instrumentos - e no decorrer de algumas horas servem outro despacho, um pouco menos que o anterior, um copo pela metade. Realizam preces, “chamadas” de anjos, orixás e outros seres espirituais. Alguns membros médiuns podem “dar passagem” e incorporar entidades curadoras, fazem gestos com as mãos, emitem sons de pássaros, risadas, bradam. Estes trabalhos são conhecidos como fortes e intensos, de muitas limpezas corporais e espirituais. Os trabalhos acontecem ao longo de quatro ou cinco horas, às vezes mais ou menos tempo de duração e conseqüentemente toma-se mais Daime em trabalhos longos; por exemplo, um trabalho de oito horas pode ter três ou quatro despachos. Por fim, fazem orações para “fechar” a sessão, geralmente preces e jaculatórias, como o Pai Nosso, Ave Maria, Credo, Salve Rainha.

Figura 5 - Trabalho de Concentração



Fonte: Grupo CHAVE de São Pedro no Facebook²³

Ainda convém lembrar que, no Santo Daime, a cura e os seus processos acontecem a partir da consagração do Daime, ou seja, existem trabalhos específicos para a cura, mas ela em si é uma decorrência do uso do chá e, por vezes, independe do trabalho em execução. Na Igreja Chave de São Pedro, este processo de cura aparece da mesma maneira, pois a bebida é singular, e os seus efeitos, purgativos ou não, ocorrem a partir da consagração e da própria subjetividade do indivíduo.

Falemos por ora dos doentes conscientes...

²³ Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=10226635967190007&set=g.171436959549651>. Acesso em: 02 de Abr. de 2023.

2 CONCEPÇÕES SOBRE AS DOENÇAS

Um trecho do hino “**Da terra ao astral**”

“As curas estão abertas
Aos bons de coração
Quem recebe merece
Agradece, nunca esquece”

(Hino 12 - Hinário de São Miguel - Baixinha)

Neste capítulo, trago um pouco das histórias de vida dos oito membros entrevistados da Igreja Chave de São Pedro em Porto Alegre. O capítulo foi dividido em três tópicos, os quais destaquei a partir das narrativas e das vivências dos colaboradores deste trabalho. Após a divisão destes tópicos escolhi alguns recortes das entrevistas realizadas para contribuir com a análise aqui presente. Dei preferência a estes trechos por serem marcantes e pontuais e também por contemplarem em parte outros discursos daimistas, ainda que pudesse incluir outros recortes destas narrativas. Estes tópicos apareceram no decorrer das entrevistas e possivelmente nos auxiliem na compreensão sobre as doenças, as suas formas, os seus significados, e entender os seus processos, conforme referido no capítulo anterior. Antes de dar seguimento a estas falas, lhes apresento brevemente as oito pessoas que contribuíram para o nascimento deste trabalho:

Iara tem 52 anos, é fardada há quatro anos, se identifica com o gênero feminino, considera-se de classe média-baixa e se autodeclara como branca.

Jurema tem 33 anos, é fardada há dois anos, se identifica com o gênero feminino, considera-se de classe média e se autodeclara como negra.

Sete Flechas tem 23 anos, é fardado há um ano, se identifica com o gênero não binário, considera-se de classe baixa e se autodeclara como branco.

Tupinambá tem 65 anos, é fardado há um ano, se identifica com o gênero masculino, considera-se de classe média-baixa e se autodeclara como branco.

Gitano tem 38 anos, é fardado há dez anos, se identifica com o gênero masculino, considera-se de classe média e se autodeclara como negro.

Janáina tem 28 anos, é fardada há três anos, se identifica com o gênero feminino, considera-se de classe baixa e se autodeclara como parda.

Sara tem 59 anos, é fardada há dez anos, se identifica com o gênero feminino, considera-se de classe média-baixa e se autodeclara como negra.

Cristiane tem 52 anos, é dirigente do Chave, está na doutrina há 35 anos, se identifica com o gênero feminino, considera-se da classe média e se autodeclara como branca.

2.1 Como eu conheci o Chave...

Esta seção introdutória pretende apresentar de que forma os membros se aproximaram da Igreja Chave de São Pedro. Considero este momento relevante pois este “conhecer” é a etapa inicial do processo individual e está ligado ao motivo e também à permanência do membro neste espaço religioso.

Através da minha irmã que frequentava o Chave há algum tempo e depois de quase dois anos eu fui com a minha mãe. A minha irmã falava que era bom a gente ir lá e tal. Mas eu via que o comportamento dela era tão estranho. Mas eu não sabia que ela estava passando pelo processo de limpeza dela (Trecho da entrevista com a interlocutora Iara, realizada em 30/11/22).

Iara conheceu a Igreja através da sua irmã, que já frequentava o espaço há algum tempo. Me revelou que no início não sentia necessidade de ir e que em alguns momentos se assustava com o comportamento “explosivo” da sua irmã. Este comportamento é reconhecido por ela como um “processo de limpeza” que a irmã estava passando ao lidar com as informações e emoções a partir da sua conexão com o Daime.

Conheci através de um amigo que ia lá no Chave [...] era o forte da pandemia e a igreja estava fechada, não estavam realizando os trabalhos. Mas eu queria ir lá. Eu sabia que no Chave tinha algo muito grande na minha vida, mas eu não sabia o que era. Estava num processo de autoconhecimento bem forte e busquei várias coisas ao mesmo tempo e o daime foi mais um, que agora eu vejo que é o maior de todos, tem mais sentido para mim. Eu me fardei em 2020, depois que tomei três vezes o daime (Trecho da entrevista com a interlocutora Jurema, realizada em 06/12/22).

Jurema me contou que em 2020 participou de um ritual com Ayahuasca e lá ela teve uma *miração* com o Chave de São Pedro. Nesse depoimento, me chamou a atenção o fato desta ‘visão’ ser atribuída a um *chamado*, pois a partir deste momento a entrevistada recebe e acolhe este chamado como um fator decisório na sua vida e começa o seu processo iniciático na doutrina, incorporando-o ao seu processo de autoconhecimento que já estava em andamento. Além das interpretações pontuadas, pode-se pensar que o peso da pandemia contribuiu para os processos de recolhimento, reflexões, autoconhecimento e outros desencadeadores que ativam esta busca por um sentido maior sobre a vida.

Conheço desde 2018 [...] No início eu acreditava que não era essa medicina... Eu achava que estava usando uma droga ali. Mas eu tomei muito pouco, a pandemia veio logo em seguida. Eu comecei a vir na doutrina e entender o que estava acontecendo ali foi esse ano (2022) (Trecho da entrevista com o interlocutor Sete flechas - realizada no dia 02/12/22).

Aqui podemos ver de forma semelhante o quanto a pandemia da COVID-19 afetou não só na geração de sentidos, mas também proporcionou e incentivou uma busca “por ser” ou “melhorar-se”, fato que pode ter sido desencadeado pelos afastamentos obrigatórios que todos vivemos recentemente, pela ruptura brusca dos laços afetivos e sociais devido às ordens de segurança sanitárias. O processo iniciático do Sete Flechas, assim como o da Jurema, aconteceu durante o surto de COVID-19. A igreja encerrou os trabalhos e manteve reclusão devido à epidemia que assolava o país e o mundo. O último trabalho foi realizado no dia 15/03/20 (aniversário do Chave), e a igreja retomou os trabalhos após a liberação de funcionamento dos estabelecimentos religiosos com os protocolos sanitários. Para isso, os espaços foram readaptados de acordo com as medidas de prevenção, como fornecimento de álcool em gel, máscaras descartáveis, além do distanciamento físico entre as pessoas.

Através de um amigo/irmão aqui de onde eu resido, nós frequentávamos o mesmo centro espírita / umbanda. Nós conversávamos sobre espiritualidade e um dia ele me falou do daime, que tomou e tal. Aí eu me interessei em conhecer e falei que na próxima vez iria junto com ele, pois queria ver como é que era. Isso foi um pouco antes da pandemia (Trecho da entrevista com o interlocutor Tupinambá realizada em 07/12/22).

Tupinambá mora fora da cidade de Porto Alegre e conheceu a igreja por intermédio de um amigo que frequentava o centro espírita, e hoje eles frequentam juntos o Chave. Na doutrina tende-se a não convidar pessoas para conhecer, mas tal não impede que o indivíduo relate para outros as suas vivências nos rituais. Percebe-se na fala de Tupinambá o quanto essas trocas de assuntos espirituais aparecem em uma conversa informal.

Para quem era ateu foi algo bem espiritual, mas eu tinha alguns colegas da faculdade que já tomavam daime lá. Eu tinha uns sete colegas que tomavam, mas eu nunca me interessei. Até que um dia eu cheguei em casa e deitei para dormir e tive uma *miração*. Eu recebi um chamado, foi um toque muito forte, um atino muito forte na minha vida (Trecho da entrevista com o interlocutor Gitano realizada em 13/12/22).

Gitano relata que teve um sonho antes mesmo de conhecer o Daime e que sentiu este momento como um chamado para a sua vida espiritual. Procurou informações por meio de amigos que já frequentavam o espaço e assim participou do seu primeiro trabalho. Ele contou que na primeira vez que tomou o Daime 'acordou para a vida' e 'despertou'.

Eu vinha pesquisando sobre espiritualidade e chacras, essa parte mais esotérica... E um amigo me falou sobre o Chave, que era um lugar que dava Santo Daime... Aí eu fui numa cerimônia xamânica, tomei ayahuasca, mas não me senti bem no lugar, me senti "solta" e vulnerável. E depois de quase um ano eu fui no Chave e me senti muito bem estando ali, me senti mais segura, parecia que as pessoas estavam ali há bastante tempo, pareceu ter bastante seriedade no lugar, na forma como foi conduzido o trabalho (Trecho da entrevista com a interlocutora Janaína realizada em 21/01/23).

Janaína estava estudando sobre espiritualidade e se conectou com o Chave através de um amigo, que comentou sobre a igreja distribuir o Daime de forma gratuita, visto que muitos espaços cobram para servir esta bebida. Ainda nesse relato ela me disse o quanto se sentiu segura no Chave, diferentemente do espaço 'xamânico' em que bebeu Ayahuasca e se sentiu vulnerável durante a cerimônia. Para ela, o fato de se sentir segura dentro de um local é de extrema importância, pois acontece um momento de entrega interna durante o processo e é necessário um espaço seguro para “conectar-se”.

Me conectei com a biodança e tinha uma amiga que ia no Daime, no Céu de São Miguel²⁴. Aí eu dizia para ela, quando tu for eu quero ir. *Então tinha essa coisa, eu queria viver esta experiência, era uma vontade interna, uma necessidade de clarear a visão sobre as coisas que eu estava caminhando, Tateando nesse mundo meio cego.* Mas não rolava nunca a saída junto com ela... E nesse grupo de biodança a gente acabou formando grupos de amigos... E um dia um companheiro de uma amiga me falou que tinha ido num local que era a minha cara. Ele tinha ido no Chave de São Pedro, me contou que tinha ido duas vezes lá e explicou sobre as vivências que teve com o Daime. Ele disse que se lembrou de mim o tempo todo lá. Aí eu disse para ele, esse local é a minha cara, então tu vai me levar lá. E fui com ele lá, no Chave. E o incrível é que ele foi e eu fiquei. Eu senti que ele foi para me levar e eu levar o meu companheiro, agradeço muito a ele por isso. Às vezes o caminho da pessoa é só este, ser uma ponte para alguma coisa e eu sinto que ele foi isso para mim, uma ponte para me levar lá. Para mim eu acho muito *sagrado* (Trecho da entrevista com a interlocutora Sara realizada em 16/12/22).

Sara sentia uma necessidade de conhecer o Daime e de “clarear” a sua visão diante do momento que estava passando em sua vida. Ela conheceu a doutrina por intermédio de um amigo, que compartilhou a experiência que teve com o Daime e lhe disse que havia “encontrado um lugar que era a sua cara”. Quando finaliza o seu comentário ressalta que o amigo tinha ido poucas vezes no Chave e que ele foi e ela permaneceu na doutrina. Aqui o sentido foi atribuído a esta pessoa ser um caminho, uma ponte que a levou para Igreja e o quanto a entrevistada percebe este momento como algo sagrado em sua vida.

Percebe-se também que a Jurema, Sete Flechas e Tupinambá, os membros mais novos desta pesquisa, buscaram o seu processo iniciático em meio a uma pandemia, que foi um

²⁴ A Igreja Céu de São Miguel também segue a doutrina do Santo Daime na linha do Pad. Sebastião, está localizada na Cidade de Sapiranga - RS.

momento agravante e nos trouxe diversos sentimentos, ressignificação de sentidos e um longo período de privações devido às medidas de saúde preventivas.

As falas do Gitano e da Sara se assemelham quando comentam sobre uma busca por clareza, por despertar e acordar do momento atual. Por fim, destaco o quanto a busca da espiritualidade descrita pela Janaína e a Jurema as fizeram permanecer na Igreja.

Esta introdução possibilitou a compreensão de como os entrevistados conheceram o Chave de São Pedro, e perceber que cada um buscou a Igreja movido por um chamado significativo e interno. Movidos por uma busca espiritual, esta também é estimulada por um motivo, o qual analisaremos na seção seguinte. E o quanto este “mover-se” é atribuído a um sentido, até mesmo marcado por um momento em sua vida que define esta iniciação como algo sagrado.

2.2 Porque eu fui para o Chave? O que me motivou?

Este tópico se revela interessante pois apresenta as motivações dos entrevistados por essa busca de conexão com sagrado, uns movidos pelo chamado outros pelos anseios da alma, busca por conhecimento. As trajetórias pessoais por vezes retratam questões emocionais, traumas ou processos complexos, mas em todos se percebe a centralização da busca da espiritualidade interior como uma ferramenta de autoaprimoramento do ser.

A busca espiritual é um processo que sucede por diferentes razões e depende da trajetória individual, pude identificar que cada indivíduo trazia consigo um desejo subjetivo que clamava por uma maior liberdade, maior autoconhecimento, principalmente após as rupturas internas de conceitos e valores promovidas pelo Daime, outras advindas de questões existenciais e psicológicas anteriores. Esta procura de um sentido maior para o ser encontrava no Daime uma forte e integral conexão, embora a condução principal fosse feita pela pessoa, de acordo com seu entendimento, atitudes e decisões.

Eu sempre fui um buscador da espiritualidade e tinha passado pelo espiritismo, por outras ordens espiritualistas, processo de iniciação, Rosa Cruz. E quando eu ouvi falar, foi que me abriu, isso aqui é o que eu sempre procurei e eu não sabia que existia. Na verdade, eu não sabia nada do Santo Daime. E quando eu fui *consagrar pela primeira vez eu disse aqui é o meu lugar*. Eu realmente me encontrei no daime e entendo que é uma doutrina que ela é de ti, pra ti e por ti. E as outras religiões tu precisa de um "timoneiro", precisa que alguém te conduza. Ali o professor é o Mestre e tu contigo mesmo. Então tu não depende de ninguém e isso foi o que me fascinou no trabalho (Trecho da entrevista com o interlocutor Tupinambá realizada em 07/12/22).

Como mencionado no tópico anterior, a prática do convite de pessoas não adeptas pelos membros é desaconselhada, porém temos visto que a influência, ainda que indireta, de pessoas próximas possui um fator determinante para a decisão da pessoa. E, mesmo assim, isto possui pesos diferentes. Pelo que conta Cristiane, por exemplo, seu contato com o chá parece ter vindo através de uma conversa casual e teve intuito recreativo, enquanto Iara relata que, durante as experiências absorvidas através de sua irmã, ela mesma “não acreditava”: “Eu via que ela estava cada vez mais explosiva, tendo os ‘processos’ dela, só que nem ela sabia nos explicar. Então achava que essa doutrina que ela estava indo era uma ‘coisa de louco’”. Posteriormente, conta outra situação delicada em sua família: seu pai apresentando sintomas depressivos. Ao perceber mudanças significativas nele após a presença nos trabalhos, considerou ela mesma vivenciar aquela experiência.

Nunca imaginei que meu pai fosse num lugar desse, pois ele é todo cético, mais católico. [...] Ele *estava* tão maravilhado com aquilo, que eu passei a achar que realmente tinha alguma coisa de bom. Então fui observando o comportamento dele, que foi de uma maneira bem diferente da minha irmã, bem centrado, saiu daquela depressão. E eu pensei, olha, deve ter algum valor mesmo, uma coisa boa. Mas eu não queria ir, queria que a minha mãe fosse. [...] A intenção minha era de levar ela, não que eu quisesse. No fim, acabamos indo dessa forma, para nos melhorar [...] (Trecho da entrevista realizada com Iara em 30/11/22).

Não é incomum a busca espiritual preceder momentos tensos, sensíveis. De todos os entrevistados, Cristiane, Jurema, Tupinambá e Gitano apresentaram contextos mais harmoniosos que os motivaram a beber o Daime. O restante trouxe conflitos relacionados ao campo emocional, existencial e espiritual. No que se refere às condições patológicas, percebe-se pouca relação com o termo “doença”, pois este é visto como parte de um universo amplo do indivíduo.

Traumas, doenças, dores e sofrimentos. Problemas emocionais, a saúde emocional, mas eu acho que o principal é uma busca por entendimento de mim mesma, do que eu poderia fazer. Eu sempre me percebi com muita dificuldade emocional, por traumas e por vivências. E aí vem essa busca da espiritualidade para encontrar formas de estar aqui não só em sofrimento, mas também com a possibilidade de uma vida saudável e digna (Trecho da entrevista com Janaína - 21/01/23).

Nessa fala é visível o foco dado ao autoconhecimento como ferramenta para se compreender experiências passadas e ressignificá-las (através da espiritualidade) no presente. Este processo subjetivo traz a espiritualidade como mediadora dos conflitos internos, um conhecimento que “abre a visão”, “liberta” e possibilita o entendimento de momentos emocionais profundos, passados e presentes. De fato, ainda que existam outros motivos que

possam ser listados aqui, tais como a mera procura por uma experiência psicodélica, pode-se perceber que o fator mais recorrente são as “cicatrices e infelicidades”, como refere Sara.

[...] Tem muitas pessoas entrando jovem na doutrina e entrando jovem tu tem um grau de acúmulo, entrando com um certo grau, no meu caso aos 50 anos, nossa é muita "craca", é muita coisa consolidada no físico, na pele, muitas dores, muitas frustrações, do que não consegui fazer, do que não consegui ser, muitas relações abusivas, de dores, relações de sofrimentos e coisas da infância. [...] Então sim, é uma cura mais ampla do que a cura física. E quando mudamos a nossa vibração esta vibração atinge o emocional, nosso cognitivo e o nosso físico. E vai mudando tudo isso... A nossa mente constrói muitas coisas, solidão, sofrimento, tristeza e depressão e ela acaba no físico, como uma doença. E se tu consegue com autoconhecimento e conexão ter entendimentos sobre o que é esse universo e quem a gente é, porque estamos aqui e que experiência estamos vivendo na terra (Trecho da entrevista com Sara realizada no dia 16/12/22).

Conclui-se que a cosmovisão dos entrevistados em relação às doenças é interligada às questões emocionais, e abrange desde crises existenciais, sintomas psicológicos até traumas vividos. No tópico seguinte aprofundaremos como essas doenças surgem nos “corpos sutis” e qual a definição delas para os membros.

2.3 “E quando eu estou doente...”

Podemos considerar este tópico o coração do trabalho, pois aqui teremos a oportunidade de compreender de que forma os adeptos percebem as doenças e as suas manifestações. As entrevistas foram fundamentais para preencher este tópico, no decorrer das falas o conceito de **saúde-doença** apareceu em vários momentos antes mesmo de questioná-los sobre o que significava estar doente. As doenças aqui deixam de ser definidas somente como uma “classificação médica”, e evidencia a importância de outras concepções sobre as doenças, passa a considerar a cultura local, os seus valores, crenças e religiões. Aqui elas começam a ser diagnosticadas além do “corpo físico”, incluindo o “psíquico” e o “espiritual”.

Diante das entrevistas pude notar que existe um consenso quando se fala em “doenças”, elas são vistas como uma manifestação, uma reação do organismo a algo ou alguém. Por exemplo, a doença no corpo físico é vista como um resultado, uma reação no corpo que parte de um incômodo, um conflito interno que não foi resolvido e se tornou uma “massa densa”, instalada na mente e posteriormente no corpo do indivíduo. Nas entrevistas de Jurema, Gitano, Sara e Sete flechas, constatam uma necessidade de “prestar atenção”, de estar periodicamente na vigilância dos seus pensamentos, pois alguns desses são vistos como “nós mentais”, pensamentos sombrios, capazes de “abrir portas” para as desarmonias.

Grande parte das doenças vem pelo pensamento, pois desde que a gente se coloque nas situações onde seja propício essas doenças. Desde situações que coloquem em risco a imunidade do nosso corpo até o nosso bem estar psicológico. O que acontece quando uma pessoa tem energia infinita, saúde de ferro, blindada e a outra pessoa qualquer coisa já está toda "dura", isso aí tá tudo dentro do pensamento, da força do pensamento, da forma de pensar "que dá a forma ao pensamento" (Trecho da entrevista com Sete Flechas realizada no dia 02/12/22).

Este desequilíbrio também apareceu nos relatos da Iara e do Tupinambá como sinônimo de desarmonias devido aos maus pensamentos, por uma falta de atenção, de não “examinar a consciência”, de não se olhar internamente. Eles ressaltam que é preciso manter uma “firmeza” no modo de pensar, cultivar pensamentos bons que propiciem um equilíbrio, conservando assim, a saúde no corpo e na mente. Na sequência, chama a atenção o aprendizado ser um “estudo” permanente, pois o adepto após consagrar o Daime e adquirir conhecimento sobre um determinado problema ou situação, necessita também de praticá-lo, seja em uma ação, em um pensamento sadio, uma mudança de comportamento, algo de acordo com este entendimento.

As doenças são desarmonias que tem em vários aspectos da nossa vida, física, material, espiritual e psicológica. E a firmeza é manter essa harmonia, manter esse equilíbrio, não adianta sair do *trabalho* depois de tudo aquilo que deveria ser construído, se desconstruir. As pessoas dizem que depois o trabalho continua e continua por que tu tens que vivenciar tudo aquilo lá, praticar e exercitar aqui (Trecho da entrevista com Tupinambá realizada no dia 07/12/22).

Outro dado interessante diz respeito à ênfase dada pelos entrevistados ao autoconhecimento e ao autocuidado; estes são considerados decisivos e primordiais para visualizar de onde vem a dor, o mal estar, se é da alma (espírito) ou do corpo e o que precisa aprimorar. Muitas vezes a pessoa se coloca nesta situação, “deixa o campo aberto”, se expõe a estes fatores externos e não se blinda para “evitar o contágio”. Exemplos disso, no campo físico é sair na rua sem máscara durante uma epidemia e se contaminar; no campo mental é não policiar os pensamentos e pensar fixamente em coisas ruins; no campo espiritual é se conectar com “energias densas”, de outras esferas. Quando estes “campos sutis” estão em desarmonias ocorre o desequilíbrio energético e, como disse Tupinambá, “respinga para todos os lados”, ocasionando doenças.

A dirigente Cristiane me explica que a doença é uma disfunção celular. Ela percebe esta disfunção como resultado de um “descontrole emocional”, de uma saúde afetada por um momento interno. Este descontrole se dá quando o indivíduo vivencia um conflito e não possui ferramentas para lidar com ele. Em seguida, ela enfatiza os ensinamentos contidos na

Consagração do Aposento²⁵ sobre os cuidados que se deve ter com o próprio *aparelho*²⁶, com a saúde da mente, do corpo, do espírito, da alma e das emoções.

Por outro lado, os depoimentos de Iara e Gitano continuam reflexões de como uma falta de saúde pode estar interligada com uma conduta errada, um aprendizado, uma punição, levado por uma demanda cármica. Conforme Iara diz: “A saúde é a verdade, a saúde é Deus. Se a gente está doente alguma coisa tem que aprender com isso”.

Como diz o hino: “As doenças que aparecer, é disciplina para quem faz por merecer”²⁷. É resultado de um descuido, uma resposta ou até mesmo porque deixou o teu campo aberto, pode ser um *teste* também, vejo a doença como um teste da tua fé e da tua firmeza (Trecho da entrevista com a Iara realizada dia 30/11/22).

A cura física só recebe quem merece, quem acredita, recebe e nunca esquece. Eu já vi gente de joelhos implorar por cura e chegar lá mancando e se arrastando com a perna, com todo um lado do corpo travado e recuperar a movimentação, já vi isso acontecer. Já tive as minhas curas físicas também...

E às vezes as curas físicas refletem no espiritual também. É tipo viver com o corpo doente para ti aprender. É uma demanda cármica, uma punição (Trecho da entrevista com Gitano realizada no dia 13/12/22).

Apresento esses dois trechos juntos para evidenciar esta análise, pois sugere-se aqui uma representação de pontos importantes e que se complementam de forma dual: o merecimento e o sofrimento. Eles estão interligados e aparecem expressos nas palavras disciplina, merecer, descuido, teste, receber, aprender e punição. Os recortes deixam transparecer que a doença pode vir com a intenção de disciplinar, de impulsionar o indivíduo a uma melhor percepção sobre si, sobre os seus atos praticados, e entender também essa situação como um teste da fé diante do sofrimento, que pode chegar como uma “demanda cármica”, como uma transgressão, como uma punição, como uma ferramenta que incentiva uma consciência mental, física e corporal.

De maneira semelhante, Groisman (1999) explica que o conceito de doença, segundo o Daime, possui uma natureza dual, que se manifesta no corpo e espiritualmente, pois é considerada uma desarmonia. Para o autor essa desarmonia tem como origem uma incompreensão das leis que regem o mundo social e espiritual ou até o intuito do indivíduo de transgredir essas leis. Ressalta também que esta desarmonia ocasiona a abertura das forças negativas e conseqüentemente se transformam em doenças, pois são forças com capacidade de desorganizar a vida do indivíduo, trazendo dor, desolação e anseios quando não são percebidas.

²⁵ Esta oração originou-se do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento. O Mestre Irineu participava desta Ordem Esotérica e posteriormente incorporou o lema nos trabalhos do Santo Daime.

²⁶ Conforme Groisman (1999) o *aparelho* é a matéria, o corpo de ser humano, nesse caso corpo e mente.

²⁷ Hinário Vera Frões - hino 23 - Linha de Arrochim.

Bem como quando existe a possibilidade do ser humano perceber estas situações, elas colaboram para o caminho da cura, ou seja, a doença passa a ser vista como uma oportunidade de se autoconhecer.

Greganich (2010) em seu artigo sobre os processos de cura no Santo Daime explica que a doença e a cura são partes do processo reencarnatório, e as duas estão relacionadas à Lei do Merecimento. Nesse sentido, o indivíduo precisa passar por estas situações infelizes porque “merece”, pois necessita evoluir espiritualmente e este aprendizado se dá muitas vezes a partir do sofrimento. Da mesma forma, a cura também é resultado do merecimento, pois o indivíduo evoluiu a partir desta vivência e obteve um aprendizado.

A doença está ligada a sentimentos e práticas negativos desta ou de outras vidas. Não existe uma separação entre o sujeito e a doença. A doença não é externa. Ela foi criada pelo sujeito (nesta ou em outra vida), a partir da lógica de causa e efeito. Toda doença é vista como tendo fundo espiritual e toda cura é “cura espiritual (GREGANICH, 2010, p. 111).

No universo daimista existe a crença de que o indivíduo tem que evoluir na sua trajetória espiritual, que é preciso “trabalhar” para esta evolução e caso não o faça, irá sofrer. É um sistema que se baseia em méritos, mas aqui a meritocracia e o sofrimento não possuem uma visão negativa sempre, pelo contrário, tudo isso são “provas”, são desafios e provações que a vida traz. Elas impulsionam de forma positiva este processo de autoconhecimento, aprimoramento e a evolução do ser. Dessa maneira, acredita-se que os momentos penosos serão passageiros e de lições aprendidas. A partir desta concepção de sofrimento, o indivíduo é encorajado a voltar o olhar para dentro de si e de examinar a sua própria consciência, é incentivado a se autoanalisar, reconhecer os seus erros e mudar o seu comportamento se necessário for. Sete flechas explica: “Tem que querer tomar Daime, tem que querer se corrigir, tem que querer escutar, tem que querer. Se tomar Daime e não prestar atenção, não mudar, aí não dá!”.

Durante o trabalho espiritual, o contato com o “sofrimento” acontece com frequência nos momentos da *peia*: o momento após a consagração do Daime em que se confronta os seus “demônios” e passa-se a ter consciência deles. Os sintomas da *peia* podem incluir náuseas, vômitos, diarreia, tremores, sudorese, medo e até mesmo dores. Na doutrina do Santo Daime, estes significam uma limpeza corporal e espiritual de fluidos, um expurgo dos males que a pessoa acumula no decorrer das suas vivências. O Daime, por ser uma bebida com propriedades curadoras, vai procurar eliminar estes maus fluidos. (GROISMAN, 1999).

Por fim, conseguimos descobrir que as doenças são manifestações que afetam a saúde como um todo do indivíduo: do corpo, da mente e do espiritual. Para atingir o entendimento destas reações é necessário uma busca interior, encarar o que lhe afeta e passar por etapas de confronto e sofrimento para que a cura esteja ao seu alcance.

3 CONCEPÇÕES DE CURA

“Primeira Chave”

“Neste dia de São Pedro
Vamos todos festejar
Vamos junto com a Rainha
O firmamento encontrar

Vamo alegre e satisfeito
Vamos todos festejar
Que São Pedro nos ajuda
E é preciso acreditar

Esta casa é da verdade
O Santo Daime aqui está
Ensinando e preparando
O aparelho atuar

Meus irmãos é muito sério
Na alegria é que está
A firmeza e a atitude
Que é Amar, Amar, Amar”

(Hino 12 - Hinário O Administrador - Wilton George)

Neste capítulo irei abordar as mudanças vividas pelas pessoas entrevistadas, focando nas formas pelas quais os membros se percebem, quais os acontecimentos que marcaram e afetaram as suas trajetórias após o contato com o Santo Daime, tanto em relação ao chá quanto à doutrina. Na sequência, a partir de uma escuta ativa e acolhedora, buscarei compreender a percepção dos entrevistados a respeito do Chave ser uma casa de cura, de como se sentem e as suas expectativas com o local. Além disso, procurarei também explicar a definição de cura através do olhar dos adeptos, interpretar como acontece o processo de cura e de que maneira a acessam no plano espiritual e terreno.

3.1 “E aí a minha vida mudou...”

Ao que me parece a vida é percebida pelos entrevistados como um momento em que se tem a oportunidade de experienciar a vida terrena e o que nela contém. Claro que estas ações seguem a partir de um livre arbítrio o qual diz que o ser humano possui uma certa liberdade, mas nem sempre algumas ações lhe convêm.

Nas inconstâncias da vida e nos altos e baixos que ela nos propõe, fazemos diversas escolhas: ora estamos de um lado, ora estamos de outro. Ainda que existam estes momentos de

oscilações, por vezes somos surpreendidos ou até mesmo buscamos nos reinventar para compor uma nova etapa da nossa vida. Estes acontecimentos que nos surpreendem tornam-se ocasiões significativas e marcam a nossa memória individual, afetiva e coletiva.

Nesta seção percebe-se que o Santo Daime (a bebida) é considerado um veículo transformador de comportamento, de pensamentos e de funções. É um “ser divino” atuante em todos os setores da vida do indivíduo, e conseqüentemente seus novos comportamentos e ações refletem no ambiente coletivo. Nas entrevistas que realizei pude notar com constância estas frases: “o Daime me ajudou muito”, “o Daime mudou a minha vida”, “o Daime abriu a minha visão” e o mais interessante é o quanto elas estão ligadas à palavra “autoconhecimento”. De acordo com os entrevistados, o Daime foi um marco e o consideram um “divisor de águas” em suas vidas, os ajudou a se conhecerem, se compreenderem, saberem onde estão e onde querem chegar, quais eram e quais são as escolhas mais benéficas para as suas vidas.

O Daime me ajudou muito a amadurecer. Talvez eu tivesse ficado mais tempo me machucando se não tivesse tido algum suporte, outros olhares que o Daime foi me permitindo, outros entendimentos. Até perdão, tanto comigo quanto com outras pessoas, pois ele foi me conectando com o amor em alguns momentos. E esse amor me ajudou a seguir em frente e ainda estou buscando seguir em frente (Trecho da entrevista com Janáina realizada em 21/01/23).

Enquanto eu tentava entender o significado deste “se conhecer”, Tupinambá me falava sobre ele conseguir sair do “mundo de ilusão”, de acessar a realidade através do Daime, de mergulhar profundamente dentro de si mesmo e deixar de lado as preocupações com o que os outros iriam pensar. E concluiu o raciocínio me explicando que na doutrina este movimento se dá de forma inversa: o Daime te questiona sobre o que você pensa sobre determinado assunto, sempre deixando em evidência que o aprendizado no Santo Daime é encarar quem você é, saber o que você realmente pensa e descartar preocupações com o que o outro vai pensar disto ou daquilo.

A palavra ilusão mencionada no parágrafo anterior apareceu seguidamente nos relatos, pois no universo daimista ela é vista como um “véu”, como algo que te deixa envolvido a ponto de não perceber a realidade dos fatos, comportamentos e ações. Viver no mundo de ilusão é estar imerso “dentro da caixa”, ou seja, os entrevistados acreditam no potencial do Daime remover este véu e retirar o indivíduo desta caixa. Nota-se que no processo de autoconhecimento proporcionado pela bebida, um dos primeiros passos é sair desta ilusão e aos poucos acessar outras informações, entendimentos e direcionamentos na vida do daimista.

Eu era uma pessoa muito mimada, muito protegida e sempre deu tudo certo para mim desde criança. Cresci na ilusão de que a gente não tem que se esforçar, a gente não tem que sofrer. E o daime me mostrou que não, tem muitas coisas que são *merecimento*, mas que a gente não pode exigir o tempo todo. Eu sempre fui muito exigente! [...] Hoje eu me vejo como uma pessoa muito melhor de lidar, mais emocionalmente resolvida. Diferente de dois anos atrás que eu estava “incomodando” um monte de gente (Trecho da entrevista da Jurema realizada no dia 06/12/22).

Nesse sentido, a expansão da consciência que os entrevistados trazem é um processo de conhecimento de si. É poder vivenciar a etapa da clareza, sem mais o véu, é encontrar o seu caminho, seja em um estudo esotérico, em uma mudança de comportamento, em uma nova direção, na busca de despertar quem “Eu Sou”. Termino este tópico com a frase de Gitano sobre uma forma desta bebida atuar: “o Daime ele afrouxa o que é muito rígido e enrijece o que é muito frouxo”.

3.2 O “processo curativo”

Agora vamos mergulhar profundamente neste “mar desconhecido” que é curar-se. Todo este processo é relativo, subjetivo, ao passo que também é curativo. A seção aqui propõe compreender os estados alterados da consciência, desvendar as definições do que é a cura e conhecer este processo a partir do uso do Santo Daime. Na tentativa de decifrar a noção de cura, questionei aos membros como eles a definem e as respostas foram surgindo de forma ampla. Para a minha surpresa, quase sempre a designavam como: mudanças em suas vidas, de comportamentos, de hábitos, de pensamentos, ou seja, estavam além da compreensão da medicina tradicional, da dimensão física, levavam em consideração em grande parte a dimensão espiritual.

De modo geral, estas transformações e acontecimentos são vividos com intensidade, pois os indivíduos acessam as “informações do astral” e passam por “revelações” durante os seus processos terapêuticos. Conforme observamos no tópico anterior, o momento inicial deste processo se dá quando o indivíduo consegue “retirar o véu” que o cobre, o primeiro passo então é se descobrir, sair da ilusão do mundo material. A partir da conexão com o chá, que “expande a visão”, os daimistas viajam profundamente no seu ser, mergulham nos seus anseios, nas suas dores, desmobilizam o ego, passam a se conhecer internamente e externamente. Como já vimos em alguns relatos o Daime cura quando mostra ao indivíduo o seu caminho de vida, o seu “brilho”, as suas potencialidades, dá “luz às suas sombras”, lhe dá entendimento, segurança, amor, perdão, harmonia e verdade.

Os entrevistados consideram que as doenças estão relacionadas diretamente a uma desconexão com sentimentos e pensamentos amorosos; percebem que a inexistência da harmonia resulta em um desequilíbrio das emoções que acomete e abala o corpo e a mente, transformando estes desconfortos em “massas densas”. Apesar de serem momentos difíceis, o indivíduo, a partir de suas dores, é impulsionado a buscar as suas curas ou a se aproximar delas. A ferramenta essencial que media o conflito e a cura é o autoconhecimento, este é o facilitador, que auxilia a pessoa a encontrar as suas potencialidades para um melhor bem viver.

É quando a gente consegue se livrar de todos os aspectos que nos prejudicam, equilibrar o nosso ser. A cura é em vários aspectos, quando me fardei eu estava com 90 kg e hoje estou com 77kg, consegui melhorar a minha alimentação, me exercito bastante. Qualidade de pensamento também é assunto interessante, quando a gente consegue sair de dentro do que é a depressão, de onde vem e o que é aquela tristeza ou aquela situação e perceber como tu estás vivendo. A cura é conseguir de dentro disso, superar as coisas ilusórias (Trecho da entrevista realizada com Sete flechas no dia 02/12/22).

Sete Flechas, Janaína e Sara, além da crença compartilhada na existência do mundo da ilusão, ressaltaram em suas falas que quando buscaram a doutrina do Santo Daime passavam por problemas emocionais ligados a traumas, ansiedades, medos e sofrimentos que desabrocharam no decorrer de suas jornadas de vida. E para eles, a partir da conexão com esta bebida, notaram uma melhora em seus sintomas, encontraram a oportunidade de se revisitar, buscar um novo caminho, sanar as suas dores ou conviver melhor com elas, resgataram as suas raízes e por vezes conseguem mudar as situações adversas por conta própria.

A palavra “perdão” também repercutiu entre estes entrevistados. Sete flechas revelou que agora o momento é de aprender, se arrepender e de pedir perdão por certos atos praticados: “Só Deus sabe o que as pessoas podem achar que está te afetando, mas para todos os fins só tu pode mudar essa situação”. Janaína entende que o perdão e o auto perdão lhe proporcionaram uma conexão com o amor, e este último foi um sentimento importante para que pudesse seguir em frente.

Então, foi graças a este espaço que eu me olhei e percebi os meus limitadores, que me limitavam viver e comecei a trabalhar cada um deles, me perdoar, perdoar as pessoas em volta, entender cada situação da vida, do que aconteceu. E entender que foi necessário tudo isso para ser quem eu sou hoje e fazer o que eu faço, estou grata (Trecho da entrevista com Sara realizada no dia 16/12/22).

Estas mudanças relatadas não são somente de cunho emocional, pois existem as mudanças de alimentação, de comportamento, de relações, de crenças. O processo curativo se

baseia em conhecimento, e irradia para variados campos: existenciais, sociais, individuais e psicológicos.

As transformações que os daimistas consideram curativas em suas vidas abrangeriam vários aspectos e poderiam sistematizar-se da seguinte maneira: modificações na personalidade; modificações nas relações com o corpo; reinterpretação das histórias de vida; modificações nas relações com a sociedade em geral; modificações nas relações com a natureza e reinterpretação das concepções de trabalho (PELÁEZ, 1994, p. 88).

Segundo Peláez (2002), as curas no Santo Daime estão atreladas a seis modificações diferentes, onde a primeira diz respeito a **mudanças de personalidade**, que transformam a vida do daimista e desencadeiam um sentimento de “despertar”, o qual possibilita a compreensão da existência de um mundo invisível e oportuniza um verdadeiro sentido na vida, ou seja, uma maior consciência dos atos, uma inclinação para alterar condutas e pensamentos vistos por eles como errados.

As **relações com o corpo** são dadas quando aprendem a dominar os impulsos do prazer, cuidam do “aparelho”, pois o veem como um instrumento de “trabalho”, disciplinado e metódico. “Desenvolver-se-ia também a “consciência” de cuidar deste instrumento, mantendo-o “limpo” tanto externa quanto internamente, evitando “intoxicá-lo” com comidas “pesadas”, substâncias “químicas” (drogas, medicamentos), álcool, vida desregrada, etc.” (PELÁEZ, 2002, p. 439).

A **reinterpretação das histórias de vida** baseia-se na visão de um infortúnio que o indivíduo, quando “acorda”, busca “limpar a sua história” ou “curá-la”, corrigindo as suas condutas, sentimentos e pensamentos. Por exemplo, as relações familiares conflitivas são revistas neste processo de cura e, a partir dessa análise, procuram uma reconciliação.

As vivências conflitivas, os infortúnios, as doenças e outros fatos considerados negativos, que antes resultaram incompreensíveis, e muitas vezes colocavam o sujeito no lugar de *vítima*, agora seriam reinterpretados e a pessoa iria reconhecendo seu *protagonismo* diante de tais situações (PELÁEZ, 2002, p. 440).

As **relações com a sociedade** são modificadas pelo indivíduo, que aos poucos vai se distanciando da vida social anterior, pois percebe não ter mais um sentido em festas, reuniões, encontros e bares etc. As atividades sociais são ressignificadas, deixam de ser vistas como mera descontração e passam a ser vistas como momentos de “fuga” gerados pela falta de sentido. Ou seja, o indivíduo passa a encontrar o “sentido verdadeiro” nas atividades da doutrina e no seu

sistema doutrinário e progressivamente abandona os espaços anteriores considerados como “fuga”.

As **relações com a natureza** refletem a centralidade de uma *força protetora* ligada à natureza, seja nos astros, animais, vegetais etc. Essa natureza é encarada como uma fonte de mistérios e, quando o indivíduo se conecta, entra em sintonia com ela e aceita-a, recebe as suas “bençãos”, conseqüentemente a respeita e preserva-a.

O último aspecto se refere às **reinterpretações do trabalho**, que acontecem tanto no âmbito profissional quanto espiritual do daimista. O trabalho material é realizado no dia a dia e o espiritual acontece durante os rituais da doutrina. Ambos são considerados iguais, pois o indivíduo age da mesma forma nos dois ambientes, quer dizer, se realiza um trabalho material atento e responsável, fará o mesmo nos trabalhos espirituais. Caso contrário, se desempenhar um trabalho material com desleixo e imprudência, refletirá de forma semelhante em seu trabalho espiritual.

De acordo com as crenças grupais, cada pessoa teria uma missão na vida, sendo muitas vezes "revelada" pelo Santo Daime. Desta maneira, os *trabalhos materiais* empreendidos não seriam unicamente um meio de subsistência, eles também seriam o cumprimento da *missão* e, assumidos com responsabilidade se constituiriam em vias concretas de crescimento espiritual (PELÁEZ, 2002, p. 441).

Para os entrevistados, curar é olhar para tudo aquilo que lhes fazem adoecer e procurar uma forma de resolver estas situações. Por exemplo, adoecem por permanecerem em “baixa vibração” e cultivar pensamentos negativos; por isso, a sua cura está atrelada à mudança deste padrão de pensamento. A doença é vista como uma reação do organismo, seja ela física ou espiritual, e para a cura o movimento precisa ser feito ao contrário. O processo de cura é se ver com sinceridade, compreender os seus atos e comportamentos, se dedicar aos seus estudos mediúnicos, se encarar, se despir de crenças limitantes, ousar uma roupagem nova, é viver o hoje sem medo do amanhã, é ter fé!

Crer para ver, e eu comecei a fazer isso, acreditar e acabei “vendo coisas”, vendo um pouco desse mundo espiritual, como funciona e antes até eu não achava nada, não tinha percepção. Era tudo muito material... Isso para mim foi uma cura boa, deixei de ser tão materialista para poder ser um pouco mais espiritual (Trecho da entrevista com a Iara realizada no dia 30/11/22).

Iara e a Jurema concluíram que o Daime possibilitou novas compreensões de si mesmas, novas atualizações a partir da “verdade”, da saída da ilusão. Oportunizou que a Iara saísse da “linha vitimista”, de só reclamar e ficar triste por qualquer coisa: “isso traz uma cura quando tu

compreende que não estás aqui no mundo para sofrer”. Jurema também acessou uma parte de si, de ser “mimada” e com o Daime percebeu a sua vida de outra forma, com mais maturidade: “Eu sempre soube que eu era assim (mimada), mas a experiência mística do ritual te faz sentir, te permite ver. E não é um ver com os olhos, é sentir aquilo que tu estás vivenciando, aquele *insight* que tu estás tendo sobre o que tu és e quem tu és.”

O “sentir” que Jurema fala no processo de cura espiritual é um elemento curioso e aparece nas outras entrevistas de forma semelhante, pois o chá vai “atuar” em várias partes do teu corpo e da tua mente e a depender do momento de cada um, pode se experienciar uma dor, um sorriso, lágrimas, um abraço, uma peia, um amor, o perdão e limpezas. Dessa forma, Oro (1996) aborda a dimensão emocional como um resultado da modernidade religiosa, em que o indivíduo busca neste modo de ser religioso a expressão dos seus sentimentos, e a experiência moderna se afirma na medida que toca os afetos individuais e coletivos, pois está atrelada à subjetividade, ao corpo e ao sentimento. Isto é, a centralidade da dimensão emocional está no “crer e no sentir”, em experimentar a união da razão e do coração, que é o que traz sentido para a vida moderna religiosa.

Para mim a cura é uma libertação, quando tu te liberta, quando tu consegue retomar algo com prazer e alegria. Existem situações físicas, mentais e espirituais que não te trazem prazer. Mas é uma libertação, a cura te liberta. E ela te traz um nível de consciência bem amplo da tua existência. Para ter uma cura e botar para fora, muitas vezes tu tens que sentir aquela conexão, de não pertencimento, daquilo ali não fazer mais parte do teu corpo e é muito forte (Trecho da entrevista com Gitano realizada no dia 13/12/22).

No capítulo anterior expus a crença de uma doença também poder estar ligada a uma má conduta, a uma punição ao indivíduo que desobedeceu normas, transgrediu ou tinha a intenção de transgredir as “leis” que regem o mundo social e espiritual, e por consequência ocasiona um carma, uma demanda cármica (GROISMAN, 1999). Apesar desta situação possuir pontos doloridos e sensíveis, é vista como uma disciplina, uma oportunidade de se conhecer, se estudar e alterar a conduta pessoal. Montero em seu estudo realizado sobre a magia na Umbanda considera as doenças de forma semelhante ao Santo Daime:

Mesmo quando as doenças são consideradas como sendo geradas por agentes externos, tais como espíritos ou energias ruins, em última análise a responsabilidade é remetida ao indivíduo, pois foi ele que “abriu as brechas”, ou seja, cometeu alguma transgressão que permitiu a atuação desses agentes. É neste sentido que o desenvolvimento mediúnic, visto neste contexto como uma forma de, ao mesmo tempo, adquirir consciência e controle sobre si mesmo e sobre a “atuação” dos espíritos, pode ser pensado como uma forma privilegiada de buscar a cura (MONTERO, 1985 apud DE ROSE, 2005, p.56).

De acordo com as entrevistas, a autorresponsabilidade é outro elemento que manteve recorrência nas falas, pois desde o adoecimento até a cura, o indivíduo torna-se responsável por esse processo, ou seja, ele é quem cria o carma, a doença, com a sua transgressão ou a sua intenção de transgredir, e ele mesmo é “obrigado” a solucioná-lo. Isto é, ele adoeceu por seus pensamentos negativos, gerou uma doença pela sua ação, e quando o indivíduo entra na *força* é “convidado” a rever o seu comportamento. Quando se dá conta da situação em que se colocou, “sai da ilusão”, e se responsabiliza por alterar o seu padrão de funcionamento.

Então sim, é uma cura mais ampla do que a cura física. E quando mudamos a nossa vibração esta vibração atinge o emocional, nosso cognitivo e o nosso físico. E vai mudando tudo isso... A nossa mente constrói muitas coisas, solidão, sofrimento, tristeza e depressão e ela acaba no físico, como uma doença. E se tu consegue com autoconhecimento e conexão ter entendimentos sobre o que é esse universo e quem a gente é, porque estamos aqui e que experiência estamos vivendo na Terra (Trecho da entrevista com Sara realizada no dia 16/12/22).

Sobre isso, Sara coloca o seguinte: “A doença se instala como uma necessidade, inclusive tem um hino que diz: A doença vem conforme eu merecer e ela se instala como um socorro do teu corpo, a tua vida diz assim: chega, para!” Dessa forma percebe-se que a pessoa é responsável pelos seus atos, pelo seu comportamento e conseqüentemente pela sua desordem. Embora seja uma colocação delicada, novamente lidamos com a lei do merecimento e a impulsão para aprimorar-se.

3.3 O Chave enquanto um lugar de cura

Segundo os entrevistados, o Chave é considerado um lugar de cura, que proporciona um ambiente de entrega e oportuniza um “estudo”, um aprimoramento e que necessita de muita dedicação. Nesta “escola espiritual” todos estão ali para aprender, para se curar ou encontrar um caminho para tal, cada um em seu grau de entendimento. A casa é percebida pelos participantes como um espaço que realiza profundas curas, voltado ainda mais para as curas existenciais da pessoa, da alma e de como podem se conduzir na terra.

Com certeza, a doutrina do Santo Daime é um espaço de cura. Acredito que ele está ali para isso mesmo, para essa cura, para esse modular de cura. Pois o Daime é uma forma da cura se manifestar para um certo tipo de pessoa, para um determinado tipo de arquétipo. Tem gente que não vai aceitar aquela cura e vai morrer e não vai aceitar. Porque vai contra os princípios e tem gente que precisa deste tipo de cura. Então ele tá ali para isso, tem gente que vai aceitar (Trecho da entrevista com Gitano realizada em 13/12/22).

Janaína e Sete Flechas ponderam que a igreja é uma casa de cura, que auxilia muitas pessoas sem cobrar por isso e que esta distribuição gratuita torna fácil o acesso para quem necessita deste momento de “clareza”. Eles também destacam o respeito e o cuidado vindo da irmandade e dos coordenadores da casa. Janaína explica que cada lugar tem as suas imperfeições, pois acredita que todos estão ali para se desenvolverem dentro da doutrina e a partir do entendimento de cada um.

A Igreja Chave de São Pedro optou por não cobrar pela distribuição do chá, mas arrecada fundos através de colaboração espontânea e de alguns projetos, conforme foi explicado no primeiro capítulo deste trabalho. Apesar do Chave não cobrar pela bebida, a contribuição é necessária para manter o conforto e a manutenção do espaço, pois existe uma despesa que nem sempre a pessoa que recebe o chá percebe.

E para fazer este serviço tem um deslocamento de canoa²⁸, até chegar em um lugar onde tenha estrada para vir até aqui o Rio Grande do Sul, fora a Rainha que tem que ter todo um cuidado, para ter folhas grandes e bem cuidadas e poder retirar em quantidade suficiente para o cipó. Não é fácil, leva dias e dias, é um trabalho árduo. Então assim, tem fundamento pagar por este trabalho. Para eles lá é o serviço deles... A gente sabe que tem este tipo de valor agregado no chá e muita gente não sabe. A pessoa que recebe seu chá ali no copinho, acha que foi barbada, não conhece esta trajetória (Trecho da entrevista com a dirigente Cristiane realizada no dia 06/03/2023).

De acordo com a dirigente Cristiane, existe uma explicação do porque o chá é cobrado em alguns lugares, pois muitas vezes as pessoas não veem esta necessidade, mas tem todo um deslocamento até chegar no Rio Grande do Sul ou no seu destino final. Este movimento inicia com uma pessoa que entra na mata e passa quase uma semana lá colhendo o Jagube, e ela por vezes deixa até de buscar outros recursos para compor a renda familiar. Além do deslocamento para transportar, ainda tem o trabalho de produzir o chá, seja na mata ou na realização do feitiço²⁹ na igreja.

3.4 A importância da instituição no processo da cura

Os adeptos reconhecem a Igreja como um espaço de convivência acolhedor, que possibilita trocas de experiências, oportuniza novas relações em diversos setores como afetivos e de trabalho, e também reforça vínculos. É um lugar que respeita as pessoas e as deixam

²⁸ Neste trecho a dirigente refere-se sobre a floresta amazônica, mas às vezes o Jagube pode vir de outra igreja ou local.

²⁹ O feitiço é uma cerimônia, um momento de trabalho e de aprendizado dos fardados, na produção do Santo Daime. Tudo é feito tomando Daime e cantando hinos.

seguras, por possuir uma seriedade na condução dos trabalhos espirituais, inspirando a partir da egrégora³⁰ confiança e segurança. Esta transmissão e recepção da confiança está atrelada a entrega total dos indivíduos aos seus processos de cura, pois caso haja um momento de *peia* sabem que estão amparados pela “corrente”³¹ da irmandade, tanto física quanto espiritualmente. Além disso, contam com os dirigentes da casa e com os “fiscais”, que auxiliam durante o ritual se necessário.

Não é só o Daime, não é só o chá. É muito de como esse chá vai ser servido, qual vai ser o respeito e o acolhimento que tu vai ter ali. Desde o banheiro, de poder ir no banheiro tranquilamente e saber que tem alguém ali, que tem uma *fiscal* que pode te amparar. Mas a igreja e a organização dela ajudam ou às vezes dificultam de alguma forma, se tem alguma fiscalização que não está preparada e acaba interferindo que não é legal, tudo isso tem esses dois lados (Trecho da entrevista com Janaína realizada no dia 21/01/23).

Gitano acrescenta que na igreja existe uma ordem, uma organização que segue normas tanto de espaço quanto de ritual, para que os trabalhos aconteçam em constância e que não vire uma “Disneylândia”. Explica também que o Santo Daime é um processo coletivo, que possui datas e que ali se constrói a irmandade, pois a partir destes encontros os vínculos se consolidam e se expandem na doutrina e na vida cotidiana. Para ele, um dos principais movimentos e ensinamentos do coletivo é o investimento em propostas ecológicas, em valores humanos e reencarnacionistas, este último com a possibilidade de aprendizado sobre os carmas e as relações futuras. Gitano concebe estes movimentos como fundamentais para a vida do ser humano, pois esta “escola” ensina e prepara o indivíduo para continuar e enfrentar as demandas da sua existência.

Sara também ressalta que o Chave é uma casa de profunda cura, que realiza uma cura da existência pessoal, da alma, de como a pessoa pode e deve “caminhar”. É um lugar para se estudar, se conhecer, aprender a praticar, se relacionar consigo, com o mundo, com as coisas, ter qualidade de vida e sobretudo, ter a garantia de se entregar com segurança, por vezes com medo, mas com segurança.

Tomar daime pode ser uma experiência boa, de felicidade e muita luz ou pode ser uma experiência bem dolorosa e às vezes até de alguns momentos que não se tem controle sobre o que vai acontecer. E quando tu estás dentro de uma comunidade que as pessoas só no olhar já se comunicam, é muito bom isso, é um cuidado, é uma atenção entre a gente. Se estou tonta, alguém fica do meu lado, é muito importante, o Chave é uma comunidade, é uma família, tem a família da Terra e a família que a gente escolhe também na Terra (Trecho da entrevista com Sara realizada no dia 16/12/22).

³⁰ É a corrente, a força, a energia espiritual.

³¹ Para os daimistas durante os rituais existe uma “corrente espiritual” composta pela energia espiritual das pessoas.

Para Sara, assim como para os outros entrevistados, tanto a doutrina como a igreja possuem uma estrutura com a organização de um hinário condutor, que promove um ensinamento através dos hinos, de músicas simples, que quando cantadas “liberam chaves” que atingem conexões internas. Os ensinamentos da doutrina do Santo Daime são transmitidos pela oralidade, o conhecimento é recebido através dos hinos, do canto, justamente por incorporar os saberes das tradições indígenas e africanas.

A dirigente Cristiane conclui que a igreja é um espaço que oportuniza uma caridade, uma entrega de luz, um auxílio na trajetória da pessoa. Acrescenta que em outras tradições e até mesmo na doutrina, antigamente quem bebia o chá eram os xamãs para curar os doentes. Hoje as pessoas “doentes” ingerem a bebida para a sua autocura e entendimento, realizam as suas conexões sem um intermediário, protagonizam os seus processos e as suas curas. Por outro lado, o indivíduo sem esse mediador, às vezes pode estar despreparado para lidar com a *força* promovida pelo Daime e entrar em uma *peia*, deixando-o mal e em um estado de confusão mental. Neste caso, entra a questão da regulamentação do chá, do resguardo trazido pela lei e de todo o cuidado que a instituição deve ter com os recém chegados na casa. Para isso, o Chave, além de ser um estabelecimento regularizado, conta com uma ficha de inscrição que compõe dados de identificação, um termo de responsabilidade e uma *anamnese* (ver anexo). Estes documentos são utilizados como forma de triagem, para “filtrar” as pessoas que estão “aptas” ou contraindicadas a beber o Daime, e assim evitar possíveis imprevistos. Diante disso, ressalto um alerta de cuidados redobrados serem necessários, principalmente se o iniciante ou o membro ativo realizar algum tratamento com medicação controlada, como antidepressivos, que geralmente são potencializados com o chá. Outra contraindicação é para pessoas com traços ou transtornos de saúde mental, tais como: esquizofrenia, esquizoides e psicóticos. Para isso, é imprescindível que o interessado em participar de uma consagração com o Santo Daime deve se atentar em buscar um estabelecimento que seja sério e seguro.

3.5 Como eu vejo os outros espaços religiosos?

Em relação a outros espaços religiosos, os membros que participaram da pesquisa foram enfáticos: consideram o Chave de São Pedro um lugar que respeita a sua autonomia. Ali sentem-se protagonistas dos seus processos, acreditam que o desenvolvimento mediúnico na igreja é individual e coletivo ao mesmo tempo, embora diverjam de outras religiões que possuem intervenção direta de um líder. A independência parece andar lado a lado com a liberdade; os participantes sentem-se livres mesmo diante das regras da casa, pois veem como autonomia

poder realizar os seus trabalhos sem alguém guiando-os, dizendo-lhes o que devem ou não fazer. Consideram o Daime como “o professor”, “é só você e o Daime”, “ninguém toca em ti ou fala contigo”, como disse Tupinambá: “A doutrina é de ti, para ti e por ti”.

Oro elucida que existe uma dimensão globalizante na modernidade religiosa, que impulsiona e busca incorporar, integrar e juntar, ao contrário de restringir e separar dentro do movimento religioso, ou seja, um desejo do indivíduo de se conectar com o sagrado, sem a interferência de uma instituição. Para o autor, “trata-se de integração do indivíduo consigo mesmo, com o mundo, com a natureza e com o cosmos” (1996, p. 67).

Além desta autonomia e liberdade, eles encontram no Chave uma conexão com a natureza e tudo que o reino vegetal dispõe, conseguem sentir a presença da mata, das árvores, da floresta, dentro do ambiente predominantemente urbano que é a cidade de Porto Alegre. É neste ambiente que a experiência do sentir afeta e aflora os entrevistados, isto é, o Daime faz sentido como busca espiritual, da mesma forma que é sentido no corpo e na mente, proporciona vivências, conhecimentos, “viagens astrais” que nenhum outro espaço lhes fornece. O Daime “sacode” os seus “navegantes”, é uma conexão espiritual em conjunto com uma experiência física. As experiências relatadas são diversas: “curas espirituais”, “saídas do corpo”, “conexões com outras dimensões”, “outros seres”, “viagens astrais e espaciais”, “encontros com universos e jornadas diferentes”.

Outra distinção é a doutrina do Santo Daime ser multicultural, pois carrega os elementos indígenas, caboclos e africanos. Para Gitano, a doutrina é um espaço que coloca o negro em evidência, diferentemente de outras religiões cristãs.

O grande diferencial do Daime em relação às outras, é ninguém tocar em ti, essa preservação do individual dentro do coletivo, não ter essa doutrinação. E aí dentro dessa ambientalização traz os outros elementos indígenas, que é o canto, o Daime nesse sentido é bem diversificado, ele é multicultural e traz outros elementos. Se formos comparar com evangélicos, nada contra o evangelho de Cristo, mas os evangelhos são os evangelhos. Não tem como defender né, poxa, eu sou negão! Faz parte da cultura, cadê os elementos afros, cadê os elementos indígenas. Então o daime ele propicia essa abertura aos elementos indígenas e aos elementos afrodescendentes. É uma doutrina religiosa cristã que veio do catolicismo, com elementos kardecistas e depois começou com elementos umbandistas e o Mestre é um homem negro. O daime em relação as outras correntes religiosas cristãs no Brasil, é que ela evidencia o status negro, coloca o negro na evidência e coloca o gingado africano dentro. E as outras omitem isso, elas se mantêm muito fixas naquilo que está na sua essência, do que está nos evangelhos. E o daime não, ele não segue exclusivamente a Bíblia, segue é o conhecimento trazido pelo Mestre com embasamentos católicos, que têm o imaginário acreano, o caboclo - indígena, afrodescendente, vem o imaginário do Maranhão (dos seres encantados) (Trecho da entrevista com Gitano realizada no dia 13/12/22).

Oro (1996), em seus estudos sobre a modernidade religiosa, diz que o pluralismo religioso se ampliou e se diversificou, surgindo novas crenças. Explica também algumas formas de expressão e as principais dimensões religiosas. Aqui buscarei expor as formas e dimensões que considere relevantes para compor a análise deste trabalho.

A privatização do sagrado é a tendência do indivíduo moldar a sua própria religião utilizando-se de elementos dos variados sistemas religiosos para uma “lógica pessoal consciente ou inconscientemente construída, de alianças e consensos que formulam, e que respondem a situações, experiências e aspirações do momento”. Nesse sentido destaca-se que cada um possui a possibilidade de compor o próprio universo de representação simbólica sem que isto ocasione “dramas de consciência ou problemas de ordem ética” (Oro, 1996, p. 63).

Para Oro, o trânsito religioso é um novo modo de ser religioso que “consiste no trânsito entre diferentes espaços sagrados e/ou sistemas de crenças, ou seja, na frequência simultânea a distintas religiões” (Oro, 1996, p. 64). Isso quer dizer que o indivíduo transita em diferentes universos religiosos movido por uma lógica, que conseqüentemente justifica e atribui um sentido para esta mobilidade, seja por uma insatisfação com a instituição ou por complementaridade.

A partir destes dois pontos levantados por Oro pode-se supor que o sincretismo religioso promovido pela doutrina do Santo Daime supre o pluralismo religioso que habita no indivíduo, ou seja, o daimista tem acesso a diversos conceitos, rituais e atividades religiosas distintas como: espiritismo, umbandista, hinduísmo, catolicismo, indígena. Além disso, ele possui a liberdade de incluir tanto na doutrina quanto fora dela estudos esotéricos, ecológicos e terapêuticos. Nota-se que alguns passaram pelo espiritismo, catolicismo e umbanda, mas consideram o Daime pelas experiências distintas, conforme os trechos a seguir:

O daime é muito mais além do que qualquer outra das quais eu participei, como a católica, umbanda, espiritismo... Para mim o daime foi muito melhor, pois o daime vai além, não fica só ali (Trecho da entrevista com Iara, realizada no dia 30/11/22).

Eu sempre fui na casa espírita, sempre trabalhei, sempre fui bastante, toda a semana, de ter uma disciplina com isso, sempre frequentei um lugar que me ancorasse. E isso aumentou no Chave, mas o que mudou em mim é que eu me vi (Trecho da entrevista com Jurema, realizada no dia 06/12/22).

Dessa forma, a partir das ideias do autor e dos trechos acima, imagina-se que a doutrina, por ser eclética, supre as crenças religiosas íntimas dos membros ao mesmo tempo em que esse sistema produz sentido, pois para os entrevistados não há necessidade de mobilização para outros espaços sagrados.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa foi motivada a partir de duas colocações: compreender como os entrevistados definem as doenças e entender o processo de cura na doutrina do Santo Daime. Primeiramente foi apresentada a Ayahuasca e a sua origem, após o conceito saúde-doença e por fim as concepções de cura e os seus processos. Também conhecida como “vinho das almas”, a Ayahuasca originou-se na floresta amazônica e era utilizada somente pelos indígenas da região (LORENZI, 2021).

A Ayahuasca foi inserida no contexto religioso brasileiro por Irineu Serra após a sua aproximação com a bebida medicinal e milenar. Consta ter recebido de Nossa Sra. da Conceição a missão de fundar a doutrina do Santo Daime (MOREIRA; MACRAE, 2011). Em meados da década de 1930, no estado do Acre, foi realizado o primeiro trabalho oficial da doutrina (LABATE, 2002, p. 231).

É necessário ressaltar que o Santo Daime possui a “linha” do Alto Santo e a de Sebastião Mota. Ambas se consideram seguidoras dos ensinamentos de Irineu Serra, mas possuem as suas particularidades. Ressalto ainda que os entrevistados desta pesquisa fazem parte da Igreja Chave de São Pedro, que segue a linha do Pad. Sebastião.

O Chave é comandado pelo casal de dirigentes Cristiane Gaiger e Wilton George desde 1998. A igreja segue o calendário oficial da doutrina e acrescenta outros trabalhos de acordo com as necessidades. Além disso, é organizada em vários grupos de trabalho criados para manter o espaço e arrecadar fundos. É neste ambiente que os adeptos experienciam os seus processos e conseqüentemente ressignificam as suas vidas.

Os motivos que levaram os participantes até o Chave foram diversos, mas em sua maioria estavam centralizados em uma busca interna de autoconhecimento. Alguns foram atraídos para a igreja a partir de uma “curiosidade espiritual”, de um “chamado espiritual individual”, outros buscaram a igreja durante momentos difíceis e sentimentos aflorados, possivelmente ocasionados pela pandemia da COVID-19.

A conexão com o sagrado, a procura por um sentido, as questões emocionais influenciaram de forma definitiva a busca espiritual. O indivíduo busca uma ferramenta para aprimorar-se, para que possa resolver conflitos nos campos existenciais, espirituais e emocionais. Além disso, percebe-se que o conhecimento adquirido após o “despertar” proporciona ao adepto uma compreensão de seus processos internos, traumas, vivências e, a partir disso, passa a ressignificá-los.

Ao abordar o conceito saúde-doença, os entrevistados foram enfáticos ao perceber as doenças como uma manifestação atrelada às questões emocionais, a crises existenciais, a sintomas psicológicos. As doenças passam a ser definidas além do “saber médico”: agora consideram o corpo físico, psíquico e espiritual. Elas são vistas como manifestações no corpo, que pode ser tanto uma reação a algo quanto a alguém, um conflito interno que não foi resolvido ou visto, e se transformou em uma “massa densa”.

Compreende-se também a necessidade de vigiar os pensamentos, encontrar os “nós mentais” e se possível “blindar a mente” para bloqueá-los, pois os adeptos acreditam que eles são causadores dos desequilíbrios no corpo. Para isso, é necessário “estudar-se”, adquirir conhecimento sobre si mesmo, examinar a consciência, tornar estes incômodos conscientes e tentar solucioná-los.

Observa-se que a percepção de doença pode ser resultado de má conduta, de uma punição, da transgressão às leis que regem o mundo espiritual e social ou da intenção em realizá-la. A desarmonia surge por incompreensão dessas leis, e pelo indivíduo se desorganizar ao conectar-se com forças negativas. Essas forças podem causar dores e sofrimentos quando percebidas ou vistas como algo que colabora na trajetória da cura ao incentivar este olhar para dentro de si (GROISMAN, 1999). Nesse sentido, a pessoa precisa passar por estes momentos de sofrimento porque “merece”: as doenças e as curas são partes do processo reencarnatório, ambas estão relacionadas à lei do Merecimento e do Sofrimento. É uma demanda cármica, seja desta vida ou de outras passadas. As doenças são consideradas como possuidoras de um fundo espiritual e as curas da mesma forma, e a partir dessa causa e efeito, o sofrimento será eliminado somente com a evolução e o aprendizado (GREGANICH, 2010).

De acordo com Groisman (1999), durante o trabalho espiritual, o indivíduo pode experienciar estes momentos de sofrimento quando se conecta com a “peia”. Os momentos são dolorosos e intensos, regados de choros, náuseas, vômito, sudorese, tremores, diarreia. Tudo isso é visto e vivenciado na doutrina como purga, onde é feito uma limpeza corporal e espiritual de fluidos e males acumulados pela pessoa. O Daime, por suas propriedades curadoras, irá atuar de forma inteligente e eliminar os maus fluidos.

Após a compreensão do conceito saúde-doença, podemos analisar como acontece o “processo curativo”, e se existe uma cura definitiva. Analisa-se aqui uma “cura espiritual”, onde o adepto tem a oportunidade de lidar com questões de cunho emocional e aprimorar-se. Olhemos também para este “lugar de cura”, as relações e as importâncias dadas a ele por seus seguidores.

O Daime, para os adeptos, é um “ser divino”, um veículo transformador, é considerado um “divisor de águas” na vida das pessoas. Nas entrevistas ficou evidente o quanto os membros sentiam-se transformados, curados a partir do momento que saíam do “mundo de ilusão”. Nesse sentido, o autoconhecimento é uma oportunidade de se conhecer, mudar o que for necessário e transformar-se.

Segundo Peláez (2002), as transformações consideradas curativas no ambiente daimista podem ser apontadas como: mudanças de personalidade, relações com o corpo, relações com a sociedade, relações com a natureza, reinterpretação das histórias de vida, reinterpretação do trabalho. As curas retratadas são vistas como profundas mudanças no ser, no íntimo do indivíduo, que altera os valores, ressignifica as vivências e acontecimentos. Ele passa a reinterpretar as suas visões de mundo e incorpora novas visões que lhe fazem sentido. Pode-se dizer que as transformações lhe afetam em vários campos, a sua personalidade, a forma de perceber seu corpo, as noções de trabalho. Além disso, abrangem também as relações com a família e com a natureza.

Os entrevistados relataram estas transformações conforme foram se aproximando do Daime. A experiência do sentir também foi relatada pelos membros, pois durante os processos de cura espiritual existe uma conexão profunda, eclodem diversos sentimentos. Oro (1996) elucida que, na modernidade religiosa, a dimensão emocional está centralizada no “crer e no sentir”, em unir a razão e o coração, pois o indivíduo busca no modo de ser religioso a expressão dos seus sentimentos.

Em relação à igreja, os membros consideram o Chave como um ambiente de entrega, que oportuniza um “estudo”, autoconhecimento e aprimoramento. A casa é percebida como um lugar que realiza curas profundas na alma. Todos sentem-se seguros, tanto com o ambiente quanto com os membros da irmandade. Além de ser um espaço acolhedor, declararam uma autonomia na realização dos seus trabalhos espirituais. Sentem-se protagonistas dos seus processos, acreditam no desenvolvimento individual e coletivo sem a intervenção de um líder. Paralelamente, Oro (1996) afirma que na modernidade religiosa existe uma dimensão globalizante, que impulsiona, busca incorporar, unir, ao invés de separar e restringir dentro do movimento religioso. No modo moderno de ser religioso, o indivíduo prefere conectar-se com o sagrado, mas busca preservar a sua autonomia sem intervenções de uma instituição. Além disso, pode-se supor, a partir do conceito de pluralismo e trânsito religioso, que o Santo Daime, por ser uma doutrina eclética, além de produzir sentidos, pode suprir as crenças religiosas dos membros (1996, p. 64).

Aprendemos neste trabalho que os adeptos percebem um poder curativo no Daime, e que durante a sua atuação ele irá proporcionar não só um bem estar, mas também momentos de profundas limpezas físicas, emocionais e espirituais. Nesse sentido, seria interessante um maior aprofundamento nos estudos sobre o Daime, pois ao que tudo indica possui e fornece benefícios para as pessoas. Os estudos científicos são necessários dentro do ambiente religioso, mas também fora dele, para que se possa compreender as possibilidades e até mesmo os seus mecanismos. Por fim, considero a proposta de realizar, em um futuro próximo, uma pesquisa voltada aos processos de cura com o uso terapêutico da Ayahuasca fora do ambiente religioso, e analisar a dinâmica deste psicoativo a partir da Antropologia do corpo e da saúde. Além disso, como metodologia proponho mesclar entrevistas com observação participante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALFIERI, Gabrielle Seno. **Ayahuasca: Um levantamento bibliográfico sobre os efeitos da bebida e suas possíveis contribuições para a área da Psicologia**. Monografia do TCC (Bacharel em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP. 2015.
- ANTUNES, Henrique Fernandes. **A literatura Antropológica e a reconstituição histórica do uso da ayahuasca no Brasil**. Revista de Antropologia Social do Alunos do PPGAS - UFSCar, BUENOS AIRES, ARGENTINA, v. 3, n.2, p. 76-103, jul.-dez. 2011.
- ARAÚJO, Francisco Savoi. **O uso de psicoativos e perspectivas de cura para além da biomedicina: um estudo de caso no Santo Daime**. In: V Reunião Equatorial de Antropologia e XIV Reunião de Antropólogos Norte e Nordeste, 2015, Maceió/AL. Reunião Equatorial de Antropologia, Reunião de Antropologia do Norte e Nordeste. Maceió/AL: Edufal, 2015. v. 1.
- ARAÚJO, Wladimir Sena. **A Barquinha: espaço simbólico de uma cosmologia em construção**. In. LABATE, Beatriz Caiuby; ARAÚJO, Wladimir Sena (Orgs.). O uso ritual da ayahuasca. Campinas: Mercado de Letras, 2002, pp. 495-510, p. 497.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças dos velhos** – 3. Ed. – São Paulo : Companhia das Letras, 1994.
- BVS. Biblioteca Virtual em Saúde MS, 2019. 20/02 - **Dia nacional de combate às drogas e ao alcoolismo**. Disponível em <<https://bvsm.sau.gov.br/20-02-dia-nacional-de-combate-as-drogas-e-ao-alcoolismo/>>. Acesso em: 31 de mar. de 2023).
- CAMINHA RAMOS FILHO, Paulo César. **Notas metodológicas e experiência etnográfica em uma pesquisa sobre o Santo Daime**. Sacrilogens , [S. l.], v. 13, n. 2, p. 91–110, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilogens/article/view/26906>. Acesso em: 10 mar. 2023.
- DA SILVA, Clodomir Monteiro. **O uso ritual da ayahuasca e o reencontro de duas tradições. A miração e a incorporação no culto do Santo Daime**. In. LABATE, Beatriz Caiuby; ARAÚJO, Wladimir Sena (Orgs.). O uso ritual da ayahuasca. Campinas: Mercado de Letras, 2002, pp. 367-398, p. 371.
- DE ROSE, Isabel Santana. **Espiritualidade, terapia e cura: Um estudo sobre a expressão da experiência no Santo Daime**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, 2005.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. **Ser afetado**. Tradução de Paula Siqueira. Cadernos de Campo (São Paulo - 1991), [S. l.], v. 13, n. 13, p. 155-161, 2005. DOI: 10.11606/issn.2316-9133.v13i13p155-161. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50263>. Acesso em: 27 nov. 2022.
- FERREIRA JUNIOR, Ubirajara. **Representações sociais da planta Cannabis na religião do Santo Daime: entre a sagrada Santa Maria e a proibida maconha**. Rio de Janeiro: Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. 2017.

FRANCO, Mariana Ciavatta Pantoja; CONCEIÇÃO, Osmildo Silva. **Breves revelações sobre a ayahuasca. O uso do chá entre os seringueiros do Alto Juruá.** In. LABATE, Beatriz Caiuby; ARAÚJO, Wladimir Sena (Orgs.). O uso ritual da ayahuasca. Campinas: Mercado de Letras, 2002, pp. 199-225, p. 201.

GENTIL, Lucia Regina Brocanelo; GENTIL, Henrique Salles. **O uso de psicoativos em um contexto religioso: a União do Vegetal.** In. LABATE, Beatriz Caiuby; ARAÚJO, Wladimir Sena (Orgs.). O uso ritual da ayahuasca. Campinas: Mercado de Letras, 2002, pp. 513-523, p. 514.

GREGANICH, Jéssica. **Cura e reencarnação: o processo de "cura espiritual" no Santo Daime.** *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Campinas, SP, v. 12, n. 12, p. 107–129, 2010. DOI: 10.22456/1982-2650.12604. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/csr/article/view/8669615>. Acesso em: 18 mar. 2023.

GROISMAN, Alberto. **Eu venho da floresta: Um estudo sobre o contexto simbólico do uso do Santo Daime.** Florianópolis, UFSC, 1999. p. 140.

LABATE, Beatriz Caiuby. **A literatura brasileira sobre as religiões ayahuasqueiras.** In. LABATE, Beatriz Caiuby; ARAÚJO, Wladimir Sena (Orgs.). O uso ritual da ayahuasca. Campinas: Mercado de Letras, 2002, pp. 229-271, p. 231.

LABATE, Beatriz Caiuby. **A Reinvenção do Uso da Ayahuasca nos Centros Urbanos.** Campinas, São Paulo. Mercado de Letras. 2004.

LORENZI, Harri; MATOS, Francisco José de Abreu. **Plantas Medicinais no Brasil Nativas e Exóticas.** 3ª ed Nova Odessa/SP - Instituto Plantarum, 2021.

MONTERO, Paula. **Da doença à desordem: a magia na Umbanda.** São Paulo, Graal, 1985, apud DE ROSE, Isabel Santana (2005).

MOREIRA, Paulo; MACRAE, Edward. **Cura, corpo e saúde no Santo Daime.** In. TAVARES, Fátima; GIUMBELLI, Emerson (Orgs.). *Religiões e temas de pesquisa contemporâneos: diálogos antropológicos.* Salvador: EDUFBA, 2015, pp. 391-413, p. 401.

MOREIRA, Paulo; MACRAE, Edward. **Eu venho de longe: Mestre Irineu e seus companheiros.** Salvador: EDUFBA, 2011.

OLIVEIRA, Silvério da Costa. **Conversando sobre as drogas.** Rio de Janeiro: Irradiação cultural, 1997.

OLIVEIRA, Isabela. **Um desafio ao respeito e à tolerância: reflexões sobre o campo religioso daimista na atualidade,** *Relig. Soc.* Rio de Janeiro, vol. 31, n.2, p. 229-258, maio-ago. 2018 2011. DOI: 10.1590/S0100-85872011000200008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/gp4TzbqSdLPBMcnCqRRFczm/?lang=pt>. Acesso em: 15 fev. 2023.

ORO, Ari Pedro. **Considerações sobre a modernidade religiosa**. Sociedad y Religión, BUENOS AIRES, ARGENTINA, v. 14/15, p. 61-70, nov. 1996.

PELÁEZ, Maria Cristina. **No mundo se cura tudo, Interpretações sobre a cura espiritual no Santo Daime**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, 1994.

PELÁEZ, Maria Cristina. 2002. **Santo Daime, transcendência e cura. Interpretações sobre as possibilidades terapêuticas da bebida ritual**. In. LABATE, Beatriz Caiuby; ARAÚJO, Wladimir Sena (Orgs.). O uso ritual da ayahuasca. Campinas: Mercado de Letras, 2002, pp. 427-445.

SANTO DAIME: A Doutrina da Floresta, c2015. **Biografia - Mestre Raimundo Irineu Serra**. Disponível em: <http://www.santodaime.org/site/religiao-da-floresta/mestre-irineu/biografiamestre>. Acesso em: 06 de mar. de 2023).

SILVA, Aline Pacheco et al. **"Conte-me sua história": reflexões sobre o método de História de Vida**. Mosaico: Estudos em Psicologia, Belo Horizonte, Brasil, v. 1, n. 1, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/mosaico/article/view/6224>. Acesso em: 25 nov. 2022.

UDV: **Centro Espírita Beneficente União do Vegetal**, c2023. Quem somos. Disponível em: <https://udv.org.br/a-uniao-do-vegetal/>. Acesso em: 06 de mar. de 2023.

APÊNDICE 1 - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

Identificação

Nome:

Gênero:

Idade:

Cor/Raça:

Religião antes da doutrina:

Em relação às suas condições econômicas, em qual classe você se encaixa?

() alta

() média-alta

() média-baixa

() baixa

1. Como você conheceu a igreja Chave de São Pedro?
2. Há quanto tempo você consagra o Daime?
3. O que te levou a buscar/ te trouxe até o Santo Daime? Alguma questão relacionada à saúde afetou essa aproximação? Como explica esse problema de saúde?
4. Você sentiu alguma mudança na sua vida? Conte-me...
5. O que você define como cura?
6. Você considera o Santo Daime/Chave um lugar de cura (uma casa de cura)?
7. Para ti qual a importância da igreja nesse processo de cura?
8. Como compara o Daime a outras experiências de busca por cura?
9. Para você estar doente significa o que?
10. Pode me contar uma experiência com o Santo daime que foi significativa para você?

APÊNDICE 2 - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A DIRIGENTE DO CHAVE

Identificação

Nome: Cristiane Gaiger Ferreira

Gênero: Feminino

Idade: 52 anos

Cor/Raça: Branca

Religião antes da doutrina: Católica

Em relação às suas condições econômicas, em qual classe você se encaixa?

(x) média

Como você conheceu o Santo Daime ? Como surgiu o Chave de São Pedro?

- Em 1988 eu fui convidada para fazer parte de um ritual de Ayahuasca, não tinha Santo Daime ainda e não tinha nenhuma Igreja em Porto Alegre. Tomei o chá na casa de uma pessoa onde depois foi fundada a Estrela Azul. Depois da casa dele passamos para o Bairro Teresópolis, quando ele trouxe as "fitas" e as "fardas" e começamos a estudar e eu fui até Santa Catarina na Igreja do Patriarca São José, para poder me fardar, porque em Porto Alegre não tinha ainda. Me fardei lá e vim para cá e a gente deu início "ao ritual", mas a gente não tinha conhecimento, fazíamos só a oração, um pouco de concentração e o cruzeirinho, no meio a gente ouvia algumas músicas de Mpb, inner voices, new age.

E depois eu conheci a Igreja Cruzeiro do Sul e comecei a frequentar lá porque tinha uma organização adequada para o que eu estava precisando na época e parei de frequentar o lugar onde eu tinha iniciado. E lá eu conheci o padrinho Alfredo e a doutrina toda, mas por uma desavença nossa, de questões internas deles eu acabei saindo de lá e fiquei sem lugar para ir. E tive que buscar outros lugares, mas a partir dali eu não me encaixava mais em nenhum lugar e aí nós resolvemos abrir a Casa de Cura Jardim Santa Maria, que começou dentro da minha casa. Então, em um momento eu tinha a minha sala, no outro virava igreja por algum período e ali a gente recebia algumas pessoas que eram conhecidas nossas, pois não tínhamos muito espaço. E assim foi crescendo e crescendo, e nós começamos a fazer os hinários e às vezes precisávamos alugar espaços para isso. Até que um dia o Pad. Alfredo disse eu quero conhecer aí...

Então começamos uma busca de local para poder receber o Pad. Alfredo e alugamos este local, fizemos um trabalho lá com 300 pessoas, foi maravilhoso. E a gente percebeu que precisávamos

de um lugar para a gente. E aí buscamos um lugar para alugar até que consegui encontrar o espaço do sítio onde hoje está o Chave.

Eu não tinha a intenção de ser dirigente de igreja, queria era um local para ir. E lá na Cruzeiro do Sul, conheci o Paulinho, uma das pessoas que nos ajudou bastante...

O Paulo Alexandre Cardoso, que é nosso patrono hoje, conhecia o Wilton da juventude e eu conheci ele lá no Cruzeiro do Sul. Ele se casou com a filha do padrinho Sebastião e morou com a madrinha Rita (esposa do Sebastião) por bastante tempo, até fazer a sua passagem. E ele fez esta ponte entre nós e o padrinho Alfredo, para que pudéssemos ter a igreja e fazer os trabalhos dentro do apartamento. Então a gente recebeu uma carta de autorização do Céu do Mapiá, os dirigentes geralmente vão ao até lá para receber esta carta e ter a sua Igreja e no meu caso e do Wilton foi diferente, porque a gente teve esse intermédio do Paulinho. Então foi ele quem fez a conexão entre a gente e aí acabou que deu certo.

Há quanto tempo você consagra o Daime?

- Há 35 anos.

O que te levou a buscar/ te trouxe até o Santo Daime? Alguma questão relacionada à saúde afetou essa aproximação? Como explica esse problema de saúde?

- Eu tinha 17 anos e uma amiga minha foi e disse que tinha conversado com as árvores e tinha tomado um chá maravilhoso. Aí eu disse que também queria conversar com árvores, aí eu fui (risos)... Na época eu nem sabia que o chá tinha benefícios para a saúde, não tinha esse referencial de hoje, fui por recreação mesmo.

Você sentiu alguma mudança na sua vida? Conte-me...

- Pois é, a minha família percebeu a mudança instantaneamente, foi da noite para o dia, passei a noite lá e voltei já numa alegria que eu não costumava ter. Eu era uma pessoa muito emburrada, muito brava, era alegre também, mas não tinha essa coisa de acordar com felicidade. Eu tinha uma coisa de dormir até o meio dia, ficar mais tempo na cama e quando cheguei deste ritual estava cheia de vida, com muita luz, com clareza do que queria. Na minha vida não tinha muito sentido e ali eu tive muita clareza do que queria para mim.

Então eu percebi este lado da cura, esse lado da medicina do chá, não só da medicina, mas também da parte educativa da doutrina. E isso me move até hoje, sempre tem um pouco mais para aprender, a aprofundar dentro de si mesma, a se reconhecer. E a própria conexão hormonal, já teve épocas que eu dizia: ai que saco, tem que tomar Daime, tem que ir no trabalho. Porque

tu é dirigente, tem que estar em todos os trabalhos e tem que ir. E acabava tendo que ir e tendo este benefício da frequência que o chá traz, essa sensação de viver, de vida, de clareza. Não tem que descansar na vida, a gente tá vivendo, tem o relaxamento noturno para o aparelho, o resto é vida. O Daime me traz essa certeza, da vida!

E distribuir o chá para pessoas que nunca tomaram o chá, trazer para elas esta vivência é muito bom.

Eu: Questionei sobre alguns espaços cobrarem o Daime (O Chave de São Pedro não cobra).

- Existe uma explicação para isso... Existe um valor por trás do chá, principalmente aqui no Rio Grande do Sul e que as pessoas também não percebem isso. É todo um deslocamento, a pessoa que vai buscar o cipó deixa a família dele e entra na mata, passa quase uma semana lá dentro. Ela vai pegar o cipó, vai trazer e vai deixar de produzir alimentos para a família ou qualquer outro recurso. E para fazer este serviço tem um deslocamento de canoa, até chegar em um lugar onde tenha estrada para vir até aqui o Rio Grande do Sul, fora a Rainha que tem que ter todo um cuidado, para ter folhas grandes e bem cuidadas e poder retirar em quantidade suficiente para o cipó. Não é fácil, leva dias e dias, é um trabalho árduo. Então assim, tem fundamento pagar por este trabalho. Para eles lá é o serviço deles... A gente sabe que tem este tipo de valor agregado no chá e muita gente não sabe. A pessoa que recebe seu chá ali no copinho, acha que foi barbada, não conhece esta trajetória.

E para nós, a gente nunca quis fazer uma igreja longe de Porto Alegre, o acesso a luz, a clareza do chá. Ele precisa estar nos lugares da escuridão, onde a gente está, neste mundo do dia a dia.

Você considera o Santo Daime um lugar de cura (uma casa de cura)?

- Eu considero o Chave uma casa de cura, considero o espaço como um todo, a cidade de Porto Alegre como um espaço de cura. Eu acho que a cura ela tá no dia a dia.

A cura está na pessoa, o chá é um veículo para que ela possa sentir essa cura. O benefício que o chá traz é a oportunidade de novos neurotransmissores, de novos caminhos, novas sinapses para poder sair daquilo ali. Os estudos que existem são muito poucos... O nosso benefício aqui nesta entrevista é para que haja mais estudos a respeito, porque eu realmente entendo que tem pessoas que não são para o chá. Tem pessoas que o chá não vai beneficiar, não vai dar cura, pelo contrário, vai tirar a pessoa do seu centro, daquilo que poderia passar bem. E aí tem pessoas que não se beneficiam com o chá e tem pessoas que sim. E as que não se beneficiam, são pessoas que têm algum distúrbio e talvez não estejam preparadas para esta clareza, para essa clareza

de luz realmente. É a história da mariposa, ela se atira na luz, se queima e morre. Então, tem pessoas que são mariposas e vão se atirar e não vão conseguir sobreviver.

Eu - Sim e a informação é antes, durante e depois e este último às vezes é mais difícil.

- No meu caso como dirigente, eu me preocupo muito mais com o depois. Porque com a experiência destes anos a gente já tem uma tranquilidade para poder saber o que vai acontecer no durante e o tempo que aquilo ali vai acontecer, que é uma questão espiritual e tudo que envolve o chá. E depois, foi para casa e a gente não tem mais controle e a gente não sabe o que a pessoa vai fazer com aquele chá. Então às vezes as pessoas me dizem: eu quero mais chá, e eu pergunto, quer mais chá para que? para fazer o que? E depois, o que vai fazer depois.

O cuidado que teria que se ter está no depois, as pessoas que inclusive tomam medicação para depressão, a questão é o rebote depois, a medicação tudo bem, mas se parar um, dois, três dias, e aí o rebote, vai cair. Essa é a preocupação.

Para ti qual a importância da igreja nesse processo de cura?

- É um espaço que nós damos uma oportunidade para a pessoa, a gente entrega uma caridade, a gente entrega uma luz, um caminho, fica quem quer e quem precisa.

Eu: E a força da egrégora para este processo...

Ela é bastante importante, mas eu não posso esquecer que os Ayahuasqueiros que iniciaram este processo de cura, que chamam de medicina, eram eles quem bebiam o chá, não o doente. Então para poder fazer esta química e física na pessoa, cada um começa a ingerir o chá para a sua auto cura, para o seu entendimento, mas pode até causar algum tipo de desentendimento, pode causar justamente um "eu não presto para nada". Porque assim como o chá eleva ele pode trazer uma baita *peia* e deixar a pessoa mal. Aí no final do trabalho a pessoa vai estar bem e a gente vai saber como ela vai sair.

Agora a pessoa que tomou o daime em casa, tomou o chá em qualquer lugar, não sei o que pode acontecer, já ouvi de tudo, de gente até se jogar de apartamento...

O chá é um instrumento de cura, talvez a cura, a gente não sabe o que é a cura para a pessoa, daqui a pouco a cura para a pessoa é cumprir com aquilo que ela estava determinada a fazer, que é o suicídio.

Aí vem a questão da regulamentação, ela nos protege, não é adequado tomar o daime sozinho.

Existe e é necessário que uma pessoa esteja junto!

Inclusive deixo uma sugestão para um próximo trabalho...

Agora, existe a possibilidade de usar o Daime em consultório também, mas para que seja feita uma pesquisa, de forma experimental. Uma pesquisa que possa estudar como seria o Daime em consultório, como que é o Daime em gotas e compreender como funciona este processo. Porque o Daime ativa um hormônio interno e a pessoa pode ter um bem estar com isto, para quem tem depressão é uma maravilha. São estudos necessários, da mesma forma que estão sendo realizados com a Cannabis. Precisamos realizar mais pesquisas com estas plantas e ver qual a qualidade de vida da pessoa que está tomando essas microdoses.

Como compara o Daime a outras experiências de busca por cura?

- Não tem como fazer uma comparação, acho que todas as religiões têm as suas curas. Cada pessoa tem um lugar adequado para levar o mesmo Oceano que a gente vai chegar com o Daime. A pessoa pode ir até o Rio de Janeiro a pé, pode ir de avião, de carro, de várias formas. E eu escolhi pegar um veículo que é o Santo Daime para ir até onde eu gostaria de chegar. Estes outros também chegam, seja para mais ou para menos, aí não tem comparação, eu não frequento e não sei como é.

Não tem o que dizer, mas eu não posso desmerecer, porque eu acredito que toda a religião, toda a crença e toda a fé que a pessoa tem, leva ela naquele lugar, onde ela tem tanta cura quanto a doença em si, estes labirintos da mente. Então eu vou sempre te levar para este lugar onde é o lugar da psicologia, o lugar onde vai chegar no "ok", tu estás feliz, com saúde, tu está te alimentando, dormindo bem, fazendo exercício, como que está a vida, está vivendo? Tá com saúde. Não interessa a tua religião e a tua fé.

Para você estar doente significa o que? O que você define como cura?

- Pois é, estar em equilíbrio no corpo, estar com a saúde no corpo, no aparelho, no físico, são densidades que a gente vai galgando. Talvez possa até começar lá de baixo mesmo, dos pés, estar bem firmados na terra, sabendo que caminho está indo, porque eu acordo, saber o que está fazendo no dia a dia. Para que eu "acordo", para que dou a cor do meu dia?

Isso tudo vai firmando uma saúde no corpo da pessoa, onde ela tem uma direção. E quando a célula sabe que ela tem uma direção, que ela vai ser fígado e não vai ser dedo pé. Ela (célula) não entra em conflito, não entra em desarmonia e não causa essa doença.

Eu percebo muito a doença vindo de várias etapas, que a gente vai dizendo não aquela reação que é viver, independente de qual seja. A célula do cabelo é viver muito pouquinho, daqui a

pouco o cabelo cai e não tem mais vida, as unhas também... A gente tem determinadas células do corpo que não vivem. É rapidíssimo o ciclo e que bom que é assim, e precisa ser assim.

Agora o nosso aparelho, como mente saudável, dentro da Consagração do aposento a gente fala da saúde do corpo, da mente, do espírito, da alma, das nossas emoções.

E o que eu percebo é que a saúde que dificulta mais e que causa mais doenças é a saúde emocional. As pessoas não sabem muito bem lidar com o conflito emocional. E quando o conflito emocional acontece, a doença se instala no corpo. E talvez o daime pode dar uma clareza para sair do conflito, para ter uma outra oportunidade, outra porta, para poder ter essa objetividade do que eu vim fazer aqui. Tá bom, vamos lá, tem que ir adiante... Tem um hino do Mestre que eu gosto muito que fala "a Saúde é o bem estar". (Hino 88 - Chamo estrela - Hinário O Cruzeiro).

Doenças - Eu tenho uma certa crítica em relação a isso, tipo a pessoa estar triste não quer dizer que ela está deprimida, a gente tem direito de ficar triste da mesma forma que ficamos alegre. Então o conceito saúde passa pela pessoa também ficar triste, passa pela pessoa também saber lidar com as suas emoções, ter essa inteligência emocional, do que está acontecendo agora, do início meio e fim. A doença passa por isso... E a saúde vai muito do interno, do que a pessoa está vivenciando e se ela não consegue sair daquele conflito que não se sente bem, aquilo vai se somando, até ficar uma forma tão densa, que vira uma doença no corpo. Uma disfunção celular, eu acho que a doença é isso, uma disfunção, aí tem a disfunção do pensamento, do emocional e espiritual.

Pode me contar uma experiência com o Santo daime que foi significativa para você?

- Nossa, tenho várias experiências...

Acredito que a mais significativa foi a primeira vez que eu tomei o chá e ainda não sabia o que era Santo Daime e me vi na floresta com índias em volta, foi uma miração muito linda.

Teve outra que eu vi "os seres", como se fosse num hospital, estavam introduzindo cateter dentro de mim para poder passar um líquido, me informaram que eu iria fazer uma cirurgia e passar por aquilo ali. Não sei dizer se eu tinha alguma coisa ou não, mas eu deixei acontecer e tive benefícios. Eu não tomo remédios, tomo Santo Daime, homeopatia, florais ou chá.

E tem um relato que também é interessante de fazer...Do meu filho...

O meu filho nasceu dentro da doutrina, tive o parto com o Santo Daime, pedi autorização no hospital Moinhos de Vento aqui em Porto Alegre e pedi autorização para o meu médico obstetra e fui tomando o chá.

E às 09h00 ele me disse assim: O parto vai acontecer só às 17 horas, vamos todos embora... E eu olhei para o Wilton e disse não! Me dá mais um tanto de chá e aí ele me deu mais um despacho de Santo Daime. O Daime tem a função de ser vasodilatador então às 11 horas eu estava já com a dilatação completa, mas foi bem rápido e o parto em si, foi muito rápido também. Eu sugiro que as pessoas tenham este acompanhamento médico e com a Ayahuasca, ela ajuda, mas tem que ter um cuidado. E o meu filho até os 25 anos sempre foi tratado com chás, sempre com floral...

E ele foi morar com a namorada e teve a primeira gripe dele lá e me ligou e disse mãe o que eu tomo? o que eu faço? E aí tem que começar a aprender a ter esse autocuidado, este autogerir-se. O que eu faço para a minha saúde? Quem cuida de ti, de mim, da gente. E foi isso que eu encontrei no chá, eu encontrei o auto cuidado. Esse ser que diz assim: Olha Cris, agora tá na hora de tu te cuidar, de fazer isso, vai no médico e vê esta dor aqui. Essa é a parte que comunica o chá.

(Entrevista realizada com Cristiane no dia 06/03/23)

ANEXO 1 - FICHA UTILIZADA PELA IGREJA CHAVE DE SÃO PEDRO PARA CADASTRO DOS VISITANTES



Centro de Harmonia, Amor e Verdade Espiritual

Igreja CHAVE de São Pedro

Ficha Cadastral e Termo de Responsabilidade

Identificação

Nome _____ Data de nascimento ____/____/____
 CPF _____ RG _____ Órgão expedidor _____
 Nome da Mãe _____
 Nome do Pai _____
 Estado Civil _____ Cônjuge (se houver) _____
 Possui filhos? () Sim () Não
 Filho 1 _____ Data de nascimento ____/____/____
 Filho 2 _____ Data de nascimento ____/____/____
 Filho 3 _____ Data de nascimento ____/____/____
 Atividade profissional _____

Endereço

Contato

E-mail _____
 Telefone pessoal _____ Telefone profissional _____

Experiência com o Santo Daime

() Nunca tomei o Santo Daime (preencher a anamnese e anexá-la à ficha)
 () Já conheço o Santo Daime mas não sou fardado
 () Sou fardado - Filiado à seguinte Igreja _____

Condições de saúde

Possui problemas de saúde crônicos? Se sim, quais?

Toma medicamentos de uso contínuo? Se sim, quais?

Termo de Responsabilidade

Eu, acima identificado, venho de livre e espontânea vontade solicitar meu ingresso nas sessões espirituais realizadas na Igreja CHAVE de São Pedro, com o uso da bebida denominada Santo Daime. Declaro que prestei informações verídicas no formulário acima e que antes do meu primeiro ingresso nas sessões rituais, participei ou já participei da reunião obrigatória, onde tomo ciência da natureza desses trabalhos, bem como da preparação exigida, dos detalhes do ritual e da condição expressa de permanecer na Igreja até o encerramento dos trabalhos, assim como da proibição de portar ou usar quaisquer substâncias proscritas pela lei penal brasileira, bebidas alcoólicas e armas de qualquer espécie.

Isento a priori esta Igreja e seus dirigentes de qualquer responsabilidade caso eu venha a sofrer alguma alteração em minha saúde durante a sessão espiritual. Se portador de alguma doença física ou psíquica, declaro que ela foi devidamente informada no formulário acima e que o Santo Daime não me foi oferecido como uma promessa de cura.

Comprometo-me a obedecer a todas as determinações dos fiscais e do diretor dos trabalhos e a fazer-me presente na Secretaria deste Centro para registrar minha presença.

Como fardado de outro Centro, declaro que não me encontro suspenso ou impedido de participar dos trabalhos espirituais de quaisquer outros Centros pertencentes à irmandade do Santo Daime. Declaro, também, estar ciente de que minha permanência em áreas destinadas aos fardados da casa está sujeita à observância das normas locais.

Este termo vale para qualquer posterior visita minha a este Centro e se doravante ocorrer qualquer alteração nas informações acima prestadas, comprometo-me a atualizá-las, bem como estou ciente de que a licença para comungar o Santo Daime estará sujeita à observância do declarado acima.

Porto Alegre, ____ de _____ de _____

(assinatura)



Centro de Harmonia, Amor e Verdade Espiritual

Igreja CHAVE de São Pedro

Ficha de Anamnese

1. Vida familiar

Estado civil ou de convivência _____
 Mora com _____

2. Vida profissional

Atividade profissional _____
 Você gosta do que faz? _____
 Você se sente estável em seu trabalho? _____
 Outras atividades _____

3. Saúde e comportamento

Você já teve alguma doença grave? Qual? Quando? _____
 Já fez alguma cirurgia? Qual? Quando? _____
 Tem atualmente algum problema de saúde? Qual? _____
 Está fazendo algum tipo de tratamento? Qual? _____
 Se está, que remédios tem tomado? _____
 Você bebe? Se sim, com que frequência? _____
 Você consome ou já consumiu algum tipo de droga? Qual? Com que frequência? _____
 Você acha que seu uso de bebida ou droga trouxe prejuízos à sua vida? Quais? _____
 Já sentiu dificuldade em controlar este uso de bebida ou droga? _____
 Você já teve a experiência de ver ou ouvir coisas que os outros não podiam ver ou ouvir? _____
 Você já teve a sensação de estar sendo perseguido ou já se sentiu ameaçado por alguém? _____
 Você já teve a sensação de não conseguir ordenar os pensamentos em sua cabeça, por horas ou dias? _____
 Você já viveu alguma situação em que seus pensamentos estavam muito acelerados, que você não conseguia acompanhá-los? _____
 Já foi internado em alguma instituição psiquiátrica? Onde? Por quê? _____

4. Quais destes problemas existem em sua casa?

() Alcoolismo () Consumo de drogas () Doenças () Brigas constantes
 () Instabilidade econômica () Problemas legais () Outros _____

5. Espiritualidade

Você atualmente pratica alguma religião? Qual? _____
 O que busca em sua prática religiosa? _____
 Segundo seus próprios critérios, já teve alguma experiência espiritual marcante? Como foi? _____
 Você acredita que o desenvolvimento espiritual possa lhe ajudar? Em quê? _____
 Como soube do Santo Daime? _____
 Acredita que o Santo Daime possa ser útil a você? Em quê? _____